

## **A Nuvem de Testemunhas Um Estudo de Hebreus 10,32-12,3**

*José Adriano Filho<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Hebreus 10,32-12,3 utiliza o recurso retórico do exemplum (“exemplo”). Primeiro, relembra a experiência passada da comunidade, destaca a memória dos eventos ocorridos durante uma perseguição passada e indica que a comunidade deveria agir no presente da mesma forma que agiu naquela ocasião (10,32-39). Segundo, apresenta o exemplo positivo os heróis da fé (11,1-40) e, por último, o exemplo de Jesus que, tendo suportado a cruz e desprezado a vergonha, está hoje assentado à direita de Deus Todo Poderoso (12,1-3). Para Hebreus, estes exemplos estão dissociados dos valores da sociedade vigente. Eles sofreram reprovação e ultraje, mas procuraram manter a sua integridade diante de Deus e alcançar as suas promessas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Exempla, comunidade cristã, heróis da fé, Jesus Cristo.

### **ABSTRACT**

The rhetorical device exemplum (“example”) is a common feature of Hebrews 10,32-12:3. Firstly, the text recalls the past experience of the Christian community and highlights the memory of the events of a persecution, and also indicates the Christian community should behavior in the present in the same way it did in the past (10,32-29).

---

<sup>1</sup> José Adriano Filho, doutor em Ciências da Religião, é professor da Faculdade Unida de Vitória - ES.

Secondly, the life of the heroes of faith is presented in a positive way (11,1-40). Finally, Jesus is presented as the main example. He suffered the cross and despised shame. Nowadays, He is exalted at high hand (12,1-3). Hebrews also dissociates all these examples from the values of the dominant society. In spite of being object of suffering, persecution and outrageous they kept their integrity aiming to reach God's promises.

## KEYWORDS

Exempla, Christian community, heroes of faith, Jesus Christ.

Hebreus é uma homilia que tem como contexto o mundo social da cidade helenística<sup>2</sup>, cujo tema principal é a apresentação da comunidade cristã como o povo de Deus peregrino<sup>3</sup>. Segundo Hebreus, da mesma forma que Israel no passado, a comunidade é peregrina hoje (3-4). Abraão peregrinou na terra da promessa, mas tinha os olhos fixos na cidade da qual “Deus é o arquiteto e edificador” (11,8-16). Mas, acima de tudo, está Jesus, agora entronizado nos céus, que é o maior exemplo. Ao comparar Jesus com eminentes figuras da tradição judaica: anjos (1,4-13), Moisés (3,1-6), o sacerdócio levítico, especialmente o sumo sacerdócio (7,1-10,18), e considerá-lo “superior” (1,4; 7,7.19.22; 8,6;

---

<sup>2</sup> No final de Hebreus encontramos a afirmação de que o que está sendo enviado para a comunidade é uma “palavra de exortação” (13,22). Esta expressão ocorre em Atos 13,15, no convite que os oficiais da igreja de Antioquia da Pisídia dirigiram a Paulo e Barnabé para, depois da leitura pública da lei e dos profetas, entregar à comunidade uma “palavra de exortação”. A resposta de Paulo é uma homilia (Atos 13,16-41). Assim, “palavra de exortação”, que tem como exemplo o discurso de Paulo, parece ser uma expressão idiomática que designava a homilia comum dos grupos judaico-helenísticos e cristãos do primeiro século. Cf. deSILVA, David A. Paul's Sermon in Antioch of Pisidia. *Bibliotheca Sacra* 151, January-March, 1994, p. 32-49; WILLS, Lawrence. The Form of the Sermon in Hellenistic Judaism and Early Christianity. *Harvard Theological Review* 77, 1984, p. 277-299; BLACK, C. C. The Rhetorical Form of the Hellenistic Jewish and Early Christian Sermon: A Response to Lawrence Wills. *Harvard Theological Review* 81, 1988, p. 1-18.

<sup>3</sup> KÄSEMANN, Ernst. *The Wandering People of God. An Investigation of the Letter to the Hebrews*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.

9,23; 10,34; 11,16.35.40; 12,24), Hebreus procura estabelecer a honra superior de Cristo e indicar a efetividade maior da sua mediação como sumo sacerdote. Ele, como sumo sacerdote e mediador, garante a salvação (2,5-18; 7,1-10,18). Tendo ele próprio passado pela jornada terrestre, tornou-se o “precursor”, o “pioneiro” e o “aperfeiçoador” da fé (2,10; 6,20; 12,2).

A apresentação da comunidade cristã como povo de Deus peregrino, entretanto, tem um movimento diferente nas exortações de Hebreus 10,19-13,19. Depois de apresentar os acontecimentos passados com a comunidade (10,32-39), o movimento da peregrinação é definido não em termos da entrada num templo ou no santuário celestial, mas de saída. Trata-se de sair da Mesopotâmia para uma terra prometida desconhecida (11,8), de uma terra de opressão (11,27.29), ou, de forma mais geral, sair de uma pátria terrestre para uma celestial (11,13-16), sair do Egito ou “ser errante pelos desertos e antros da terra”. A exortação para seguir a Jesus, por sua vez, convoca os destinatários a “correr com perseverança a carreira proposta” (12,1-3) e a exortação final apresenta uma mudança mais drástica na imagem do movimento: “Por este motivo Jesus, para santificar o povo com seu próprio sangue, sofreu do lado de fora da porta. Saiamos, pois, ao seu encontro, fora do acampamento, carregando a sua humilhação” (13,12-13). Esta mudança é paralela e está fundamentada na inversão da exposição cristológica de Hebreus, o que é surpreendente, devido ao papel que a imitação da fidelidade exemplificada por Jesus tem nas exortações<sup>4</sup>.

Esta forma de apresentação da peregrinação é significativa, pois ela claramente reflete uma situação de conflito social. Os exemplos apresentados referem-se, de forma particular, à situação dos destinatários. A imagem dos peregrinos, sustentados por suas esperanças no caminho para a verdadeira pátria celestial, não consiste numa descrição da situação legal técnica dos destinatários, nem é puramente metafórica, mas constitui uma imagem apropriada para descrever uma comunidade que sofria ostracismo e desgraça social.

---

<sup>4</sup> ATTRIDGE, H. W. Paraenesis in a Homily: The Possible Location of, and Socialization in, the ‘Epistle to the Hebrews’. *Semeia* 50, 1990, p. 222-223.

Nesse sentido, Hebreus 10,32-12,3, ao apresentar a história passada da comunidade cristã, dos heróis judeus da fé cristã e de Jesus, mostra como o texto procura integrar tradições, valores e objetivos religiosos, além de analisar a função social pretendida com essa integração no mundo social do seu autor e destinatários. Hebreus dá continuidade às tradições a partir das quais trabalha, mas também desenvolve uma nova perspectiva ao trabalhar com símbolos e imagens herdados, justapondo-os e desenvolvendo-os em novos caminhos, procurando confirmar e reforçar a validade do universo simbólico já aceito por seus destinatários e levá-los a aceitar de boa vontade e assumir um status social relativamente marginalizado<sup>5</sup>. Ao fazê-lo, Hebreus dissocia os seus destinatários de qualquer tipo de responsabilidade pelos valores da cultura dominante. A apresentação do exemplo da comunidade e dos exemplos de fé envolve uma desconsideração pelos valores da sociedade e pela opinião dos que sustentam esses valores. Os seus valores constituem os valores centrais de um grupo minoritário. Aos olhos da sociedade vigente, eles se movem dentro de um baixo status social; porém, embora sendo humilhados, receberam a aprovação de Deus e compartilham o destino glorioso do povo de Deus. A história da comunidade, que continua a história do povo de Deus, mostra que a honra deste mundo e a honra eterna são mutuamente exclusivas. À luz desse galardão, Hebreus convoca os seus destinatários a manter distância dos valores e da estima da sociedade vigente. Eles devem viver os valores e compromissos que resultam na aprovação de Deus e no recebimento das promessas<sup>6</sup>.

### **1. Hebreus 10,32-39: A experiência passada da comunidade como um paradigma de ação para o seu presente e o futuro imediato**

Hebreus, após demonstrar que o sistema da antiga aliança é inferior quando comparado com a nova aliança (7,1-10,18) e que Jesus

---

<sup>5</sup> ATTRIDGE, H. W. *Paraenesis in a Homily*, p. 219.

<sup>6</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame. Honor Discourse and Community Maintenance in the Epistle to the Hebrews**. Atlanta: Scholars Press, 1995.

abriu “novo e vivo caminho” pelo qual a comunidade deve agora entrar (10,19-25), apresenta as conseqüências do afastamento do sacrifício único da nova aliança (10,26-31). Em seguida, em 10,32-39, apresenta o exemplo positivo dos destinatários no passado, exortando-os à perseverança, numa passagem que apresenta a primeira ocorrência da palavra reprovação e de ameaça à comunidade cristã (10,33a). A exortação contém um apelo à Escritura (10,37-38) que envolve a citação de Isaías 26,20 e Habacuque 2,3b-4 e apresenta a fé pela qual o “justo vive” dentro de uma estrutura escatológica. A citação está estruturada em torno de marcas que destacam os dois elementos da parênese: “perseverança” (v.36) e “fé” (v.39). Hebreus relembra aos destinatários a força deles em meio ao sofrimento passado (v.32-34) e, em face daquela memória, exorta-os à esperança e perseverança para que possam receber a promessa. Hebreus, ao lembrar a experiência anterior da comunidade no passado sob circunstâncias adversas e exortá-la a considerar aquela experiência e perseverar para receber o galardão, transforma-a num paradigma de ação para o seu presente e o futuro imediato.

As conexões que indicam o desenvolvimento do pensamento nos v.32-36 são importantes não só para uma percepção mais clara de como o paradigma se desenvolve, mas também para uma compreensão da relação deste paradigma com 10,37-38, onde o contraste entre “pela fé” e “voltar atrás” ocorre. Os v.32-34 estão conectados com o v.36 por meio dos cognatos “perseverar” e “perseverança”. “Não percais a vossa “segurança”, ela recebe uma grande recompensa”, de 10,35, está conectado com “De fato, o que precisais é de persistência para cumprir a vontade de Deus e, assim, conseguir a realização da promessa” (10,36). A perseverança, de 10,36, já havia sido sugerida no v.35 com a menção de “segurança”<sup>7</sup> e a exortação a não abandonar a “confiança” está fundamentada na esperança de um galardão futuro. Embora esta idéia não possa ser negada, o desenvolvimento do pensamento conduz também a outro aspecto em 10,37-38. Por um lado, “suportar o sofrimento” (v.32)

<sup>7</sup> VANHOYE, Albert. *La structure littéraire de l'épître aux Hébreux*. Paris/Bruges: Desclée de Brouwer, 1963, p. 179-181; LANE, William L. *Hebrews 9-13*. Word Biblical Commentary. Dallas: Word Book, Publisher, 1991, p. 280-282.

está fundamentado na “melhor possessão” (v.34) e a “intrepidez” tem em mente a “recompensa” (v.35). Por outro, a necessidade de “perseverança” (v.36) fundamenta-se não em “para cumprir a vontade de Deus e, assim, conseguir a realização da promessa”, mas nas citações de Isaías e Habacuque em 10,37-38: “Pois ainda tão pouco, tão pouco tempo, e aquele que vem estará aí, não tardará. ‘O meu justo viverá pela fé mas, se voltar atrás, minha alma não encontra nele maios satisfação’”, que indicam que o tempo de espera ainda não passou. Assim, 10,36: “De fato, o que precisais é de persistência para cumprir a vontade de Deus e, assim, conseguir a realização da promessa”, conduz a 10,37: “Pois ainda tão pouco, tão pouco tempo, e aquele que vem estará aí, não tardará”, que apresenta a razão pela qual a comunidade deve manter a “segurança”.

A justaposição de 10,26-31 e 10,32-35 sugere que a experiência de sofrimento, abuso e perda de bens tenha motivado a deserção de parte da comunidade (veja 10,25), bem como uma tendência geral a evitar contato com as pessoas de fora (5,11-14). É provável que a comunidade tenha encontrada uma base na Escritura para interpretar o seu modo de vida em termos de um afastamento e ocultamento em Isaías 26,20<sup>8</sup>. A menção deste texto em 10,37, onde ele é modificado de forma sig-

---

<sup>8</sup> Segundo LEWIS, T. W. ‘And If He Shrinks Back’ (Heb. X.38b). **New Testament Studies** 22, 1976, p. 91-93, a menção de Isaías 26,20 não se refere à perseverança, como em 10,32-36, mas o texto é citado porque Hebreus deseja mencionar a forma de perseverança que está sendo defendida pela comunidade, que entra em conflito com o modelo que foi forjado e revelado por Cristo. Em várias partes, Hebreus dirige-se a um problema ou crise na comunidade que envolve a interpretação da palavra de Deus (1,1-2; 2,1; 3,12-13). Para Lewis, estes versos podem envolver uma situação na qual a comunidade, depois de abraçar a palavra no Filho e manifestar intrepidez em seu confronto original com a hostilidade pública recebida, tornou-se fraca e desanimada (12,12) na sua relação com a sociedade e está voltando atrás nesta relação. O estilo de vida ou afastamento e dissimulação apresentados por Isaías 26,20 não é visto como apostasia ou infidelidade a Deus, mas poderia ser interpretado pela comunidade como a maneira de proceder no tempo anterior à *parousia*. Além disso, Hebreus mostra que os destinatários manifestam “o mesmo ardor em levar a esperança ao seu pleno desenvolvimento” (6,9-12). Assim, esta expressão de aprovação também é mais adequada à crise da comunidade, que envolve má interpretação da fé e não uma ameaça de deserção da fé.

nificativa pela citação de Habacuque 2,3b-4, e a referência a “afastamento”, em 10,38-39, de alguma forma apoia esta proposta<sup>9</sup>. Hebreus 10,32-35, portanto, apresenta o compromisso e coragem da comunidade em circunstâncias adversas no passado como um modelo para o momento atual da comunidade.

A experiência passada da comunidade é apresentada da seguinte forma:

Mas recordai-vos dos vossos primórdios: mal havíeis recebido a luz e já aturáveis um pesado e doloroso combate, aqui, oferecidos em espetáculos sob injúrias e perseguições; ali, feitos solidários dos que sofriam tais tratamentos. E, de fato, participastes nos sofrimentos dos prisioneiros e aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens, sabendo que estáveis de posse de uma fortuna melhor e duradoura (10,32-34).

O uso da conjunção adversativa “mas”, em 10,32, indica que Hebreus procura levar os destinatários a agir de maneira oposta à que ele acabou de descrever em 10,26-31. A exortação a lembrar a experiência passada, uma característica regular da homilia cristã primitiva, não só envolve a memória dos eventos ocorridos durante a perseguição da comunidade (12,1.2.3.7), como também indica que a comunidade deveria

---

<sup>9</sup> Neste contexto, a explicação de perseverança, ao se referir ao período de formação da comunidade (10,32), é uma medida corretiva. Com a exortação de 10,32-36, Hebreus apresenta aos destinatários uma indicação específica do caminho da fé no mundo. A junção de Isaías 26,20 e Habacuque 2,3b-4a, que fundamenta a exortação, permite não só “exortar por uma fé viva” durante o íterim antes da parousia, mas ao mesmo tempo menciona o modo de perseverança que é o oposto àquele aludido em 10,32-36. É somente com a inversão da ordem de Habacuque 24a e 2,4b que o autor pode voltar enfaticamente da referência escatológica para sublinhar as alternativas que permanecem diante do “justo” neste íterim (10,38). A primeira expressão liga-se a 10,32-36, o paradigma cuidadosamente construído exortando a continuar na perseverança frente à hostilidade enfrentada. A segunda é inferida da alusão de Isaías 26,20 em 10,37a e significa que Hebreus menciona o afastamento e ocultamento como um modo de perseverança. Cf. LEWIS, T. W. ‘And If He Shrinks Back’ (Heb. X.38b), p. 90-91.

agir no presente como agiu no passado<sup>10</sup>. As indignidades sofridas pela comunidade são destacadas e a referência à experiência de perseguição torna-se mais específica com a apresentação do que aquela experiência envolveu. Uma parte da comunidade foi exposta ao ridículo, presa e sofreu abuso das autoridades, mas os demais membros da comunidade foram solidários com aqueles que passaram por estes sofrimentos.

### Exposição à vergonha pública

Hebreus destaca, em primeiro lugar, a humilhação pública sofrida pelos destinatários: “oferecidos em espetáculos sob injúrias e perseguições”<sup>11</sup>. “Oferecidos em espetáculos” significa “tornar-se espetáculo, ser ridicularizado e exposto à vergonha”<sup>12</sup>. “Injúrias” e “perseguições” indicam a natureza da humilhação a que os destinatários foram sujeitos. Injúria significa “desgraça”, “vergonha”, “escândalo” e, secundariamente, abuso e abjuração. Esta palavra descreve vários tipos de abuso verbal e o seu uso repetido em 11,26 e 13,13 sugere que o

<sup>10</sup> THOMPSON, J.W. **The Beginnings of Christian Philosophy: The Epistle to the Hebrews**. Washington, DC: The Catholic University of America, 1982, p. 63-64; LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 297-298; 301.

<sup>11</sup> Esta linguagem relembra a descrição que Tácito apresenta da perseguição dos cristãos por Nero, no ano 64 e.C., quando alguns foram torturados para diversão da população ou usados como tochas para iluminar o circo à noite, mostrando que isso foi um elemento crucial ao lidar com aquele grupo marginal (Annales 15,44). Filo apresenta o exemplo da natureza pública da punição em sua descrição dos ataques dirigidos aos judeus de Alexandria, cujo sofrimento e crucificação foram organizados como um espetáculo (In Fraccum 74-75, 84-85, 95; 173). A declaração de 12,4, de que os destinatários “não tinham resistido até o sangue”, sugere que embora eles não tenham sofrido o martírio, mas que houve, pelo menos, um elemento de humilhação pública na perseguição mencionada. Veja deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 156-157; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**. Hermeneia. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 298-299.

<sup>12</sup> CADBURY, Henry J. theatrízw no longer a NT Hapax Legomenon. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft** 29, 1930, p. 60-63; ELLINGWORTH, P. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Company, 1993, p. 547.

abuso foi um aspecto real e constante da experiência dos destinatários. O seu significado varia, portanto, de reprovação a maldição, passando a afronta, escárnio, injúria e ultraje, associando-se com comentários sarcásticos e, freqüentemente, com escárnio, acompanhado por comentários degradantes<sup>13</sup>.

A vergonha infligida pelos perseguidores surgia normalmente de uma desgraça ligada a um crime ou era resultado de uma condenação pública. Ela envolvia ataques verbais à honra e caráter da pessoa e parece que isto foi comum aos cristãos em vários contextos sociais, estando diretamente ligada à associação deles com Cristo (1 Pedro 4,14-16; Mateus 5,11; Lucas 6,22). A atribuição de desgraça e censura ao nome dos cristãos indica uma rejeição difundida do grupo na sociedade, que respondeu com sanções negativas ao comportamento da comunidade cristã que recusou participar totalmente na sua vida, mais o mais amargo elemento da experiência da comunidade foi a sua exposição à vergonha pública<sup>14</sup>.

O abuso verbal estava também ligado a ataques físicos. A agressão ao corpo de uma pessoa significava mais que infligir dor física, consistindo num ataque à honra pessoal dela<sup>15</sup>. Hebreus utiliza a palavra “perseguição” para descrevê-la, uma expressão que indica todas as

---

<sup>13</sup> SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux**. Vol. 2. Paris: Gabalda, 1952-1953, p. 328.

<sup>14</sup> Segundo MOFFATT, J. *International Critical Commentary. A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Hebrews*. Edinburgh, T. & T. Clark, 1952, p. 153: “The meaning is that they had been held up to public derision, scoffed and sneered at, accused of crime and vice, unjustly suspected and denounced. All this had been, the writer knew, a real order, particularly because the stinging contempt and insults had had to be born in the open [...] They had been exposed to oneidismois te kai thlipsesin, taunts and scorn that tempted one to feel shame (an experience which our author evidently felt keenly), as well as to wider hardships, both insults and injuries.”

<sup>15</sup> A punição pública era considerada como algo vergonhoso e era impossível a recuperação da honra. Filo, In Fraccum, 72, 77, ao relatar o sofrimento dos judeus na época de Flaccus, utiliza palavras que indicam “desgraça” ou “insulto” quando fala de agressão física. Ele nota que alguns judeus “foram presos, açoitados, torturados e depois destas atrocidades, foram punidos com a crucificação, concluindo o relato do sofrimento físico dos senadores que tinham sido jogados na arena como “o ultraje de seus/suas pessoas/corpos”. Veja deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 158-159.

formas de perseguição que os cristãos sofreram. “Perseguição” é uma palavra usada na Septuaginta para descrever o sofrimento de Israel (2 Reis 13,4), especialmente quando o salmista fala em nome do povo (Salmo 4,1; 9,9; 10,1), nas referências a um dia ou tempo de angústia (Salmo 37; 50,15). A palavra “perseguição” é também utilizada em outros textos do Novo Testamento (Mateus 13,19.24; Atos 7,10; 14,22; Romanos 5,3; 8,35; 2 Coríntios 4,8; Apocalipse 2,9)<sup>16</sup>. A fonte da aflição é tipicamente um inimigo humano e Hebreus não identifica ou ataca aqueles que têm perseguido os seus destinatários. Embora 12,4 afirme que os destinatários ainda “não haviam resistido até o sangue”, ou seja, não ocorrera morte como resultado dos julgamentos suportados, o compromisso deles com Cristo os expôs à censura, difamação e ao abuso físico<sup>17</sup>.

Estes tormentos fizeram com que os destinatários de Hebreus se tornassem espetáculo público. Não podemos saber com precisão quando isto ocorreu e as experiências de sofrimento indicadas pertencem claramente ao passado da comunidade. É também provável que a intensa experiência de desgraça e a aguda desaprovação da sociedade tenham provocado nos cristãos um sentimento de vergonha, ou seja, eles se viram tentados a respeitar uma vez mais valores, relações e tradições da sociedade. Mas, segundo Hebreus, foi a resistência a estas tentativas de controle social no passado que fez deles os melhores exemplos para o presente. Por isso, Hebreus considera a lembrança desse momento de alguma forma necessária para a resposta dos seus destinatários no presente, cuja honra estava sendo atacada individual e coletivamente e exposta cada vez mais à degradação. Sem dúvida

---

<sup>16</sup> LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 299; THOMPSON, L. A Sociological Analysis of Tribulation in the Apocalypse of John. **Semeia** 36, 1968, p. 146-176.

<sup>17</sup> Desgraça pública e violência contra a pessoa constituíam uma agressão total à sua honra. Este tipo de vergonha pública é chamado por B. MALINA e J. H. NEYREY um *status-degradation ritual*, por meio do qual os que desviavam (e assim a ameaça que eles causavam à ordem social e política) eram neutralizados e a ordem que eles ameaçavam era reforçada como primária e final. Cf. MALINA, Bruce/NEYREY, Jerome. Labelling and Deviance Theory. **The Social World of Luke-Acts: Models of Interpretation**. Jeromy Nerey (ed.). Massachusetts: Peabody/Hendrickson, 1991, p. 97-122.

alguma, o espetáculo público a que foram expostos contribuiu para a dolorosa e natural ligação entre “injúrias” e “perseguições” que Hebreus fala (10,33a).

### **Confisco da propriedade e prisão**

Outro aspecto da experiência de perseguição e marginalização dos destinatários de Hebreus consiste no confisco da propriedade e na prisão de alguns deles (10,34b). Não se sabe ao certo se estamos diante de uma ação judicial oficial dos magistrados que impuseram pesadas multas ou confiscaram as propriedades devido a infrações suspeitas ou se a referência é ao saque de casas depois que seus proprietários foram presos ou banidos<sup>18</sup>. De qualquer forma, a perda de riqueza, particularmente como parte do ataque à honra da pessoa e à própria pessoa, envolvia a perda de status. Riqueza e posses geralmente não eram acumuladas como um fim em si mesmo no mundo antigo, mas para prestígio e honra através do sistema de beneficência privada ou pública. Uma perda de riqueza envolvia uma potencial perda de prestígio. A honra estava ligada à demonstração da riqueza, mesmo a pequena riqueza de um camponês. Qualquer que fosse a riqueza de alguém, ela consistia num esouro e numa importante indicação do status da pessoa. A perda de riqueza poderia também envolver uma perda proporcional de honra e provocaria o desprezo de outros se ela fosse considerada como resultado de uma falta da própria vítima.

A situação de reprovação e rejeição descrita em 10,32-34 indica que os cristãos poderiam trazer a desgraça sobre eles mesmos ao se recusarem a cumprir as obrigações exigidas pelos padrões vigentes. A perda oficial, ou não, da propriedade, ligada com a degradação deles como cristãos envolveria desgraça adicional, pois ela poderia também colocá-los numa situação econômica mais difícil, sendo difícil para

---

<sup>18</sup> Isso ocorreu com os cristãos de Roma, afetados pelo decreto de expulsão no ano 49 d. C., os quais foram forçados a abandonar suas propriedades. Cf. Atos dos Apóstolos 18,1-4; Suetonio, Claudius 25,4.

eles recuperar a sua posição econômica anterior. De qualquer forma, o efeito geral daquela experiência foi de marginalização social, rejeição e degradação. O lugar dos cristãos na sociedade foi desafiado e as pessoas envolvidas perderam seu status como cidadãos firmes e confiáveis. Podemos supor que com o passar do tempo a situação mudou e eles começaram a sentir o desejo de recuperar seu lugar na sociedade, bem como sua honra diante dos incrédulos. No decorrer do tempo, foram confrontados por aqueles que estavam conscientes da sua degradação, que bem poderiam lhes ter lembrado o seu novo status na sociedade, começando a sentir vergonha, ou seja, preocupação com sua reputação diante dos representantes da sociedade. Foi talvez mais fácil no fogo da perseguição, no fervor da solidariedade religiosa, deixar de lado a opinião dos de fora. Viver com sua perda, entretanto, estava se tornando mais difícil.

Por essa razão, Hebreus realiza um jogo entre as palavras “propriedades, posses” (v.34b) e “possessão” (v.34c), que é retoricamente efetivo ao desenvolver o contraste entre posses que podem ser perdidas e posses permanentes que os cristãos possuem devido ao seu relacionamento com Deus através de Cristo. O adjetivo “melhor, superior” é usado regularmente em Hebreus para expressar a qualidade superior da realidade que os cristãos possuem (6,9; 7,19; 9,23; 12,24). Em 11,16, “melhor” é definido pela cláusula explicativa “celestial”. O termo correlativo “permanente” indica a superioridade e estabilidade que caracterizam o mundo celestial (12,27; 13,14). A firme confiança dos primeiros cristãos de que eles possuíam “uma fortuna melhor e duradoura” no mundo celestial transcendente que Cristo havia aberto para eles permitiu-lhes desenvolver uma perspectiva própria sobre a privação sofrida em meio à perseguição<sup>19</sup>. Portanto, quaisquer que tenham sido as circunstâncias, os destinatários de Hebreus aceitaram alegremente aquelas perdas porque sabiam que possuíam “uma fortuna melhor e duradoura” (10,34c). Eles tinham consciência de possuir uma realidade superior, melhor que as posses terrenas, pois da mesma forma que o sumo sacer-

---

<sup>19</sup> THOMPSON, J.W. *The Beginnings of Christian Philosophy*, p. 65-66, 72; LANE, William L. *Hebrews 9-13*, p. 300-301.

dote celestial e a cidade que há de vir, a possessão deles é uma realidade permanente (7,3; 11,14-16; 13,14)<sup>20</sup>.

## A solidariedade da comunidade

Hebreus nota também que outro componente na ação dos seus destinatários foi a disposição daqueles que, presumivelmente, não tinham sofrido a mesma punição pública, demonstrar solidariedade com os que eram tratados daquela forma. Aqueles que não haviam sido atingidos pessoalmente pela hostilidade a qual alguns membros da comunidade foram sujeitos se identificaram abertamente com seus irmãos e irmãs. A afirmação de 10,33: “aqui, oferecidos em espetáculos sob injúrias e perseguições; ali, feitos solidários dos que sofriam tais tratamentos”, acentua a persistência demonstrada pelos destinatários em compartilhar o sofrimento dos seus companheiros. Além de suportar as aflições, eles tornaram-se “participantes” dos que foram tratados daquela maneira. Hebreus 10,25 alerta para o perigo de negligenciar a comunhão, mas agora destaca a mais ampla comunhão da comunidade cristã que alcançou completa expressão em tempos de necessidade. No v.34 a recordação torna-se mais específica na afirmação da compaixão e sofrimento pessoal que os destinatários tinham experimentado. Sua comunhão com a aflição dos outros foi manifestada em sua compaixão pelos prisioneiros, a qual, sem dúvida, foi mais que mera simpatia, envolvendo o apoio concreto que o irmão preso necessitava (veja 13,3)<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> A noção de um tesouro celestial ou galardão escatológico era lugar comum no judaísmo e cristianismo primitivos e forneceu uma fundamentação distinta para o desapego aos bens terrenos, algo que foi definido a partir de outros fundamentos pela filosofia contemporânea. Cf. LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 301; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 299-300.

<sup>21</sup> A prisão era uma característica regular da perseguição religiosa e de acordo com as condições de prisão naquela época, os prisioneiros necessitavam ser providos pela família ou por amigos (2 Macabeus 14,27.33; Josefo, Antiquidades 10,150; 13,203; 16,8; 18,119; Philo, In Fraccum 74; Atos 16,27; 23,18; 25,14,27; Efésios 3,1; 4,1; 2 Timóteo 1,18; Filemon 19; Mateus 25,36).

Os que não tinham sofrido a mesma punição pública manifestaram uma verdadeira compaixão para com os que estavam na prisão ao visitá-los e levar-lhes alimento e, sem dúvida, procurar a sua libertação<sup>22</sup>. Os que vieram em auxílio dos que foram diretamente espoliados deram testemunho de que preferiam a comunidade dos seus companheiros na fé e não aquela da cultura dominante. Eles vieram ousadamente em auxílio de seus irmãos e irmãs diante daquela sociedade (10,35) e não tiveram medo de possíveis represálias, pois a manifestação de compaixão e apoio em favor dos que eram considerados desviantes era algo que poderia ser perigoso para o simpatizante. O envolvimento deles com os seus companheiros não foi gratuito e a solidariedade manifestada naquele período é similar à maneira na qual Cristo se identificou com a condição humana (2.14; 4,15). A comunidade agiu de forma solidária para com aqueles que necessitavam de apoio, tornando visível no mundo a solidariedade que Cristo compartilhou com o seu povo.

Hebreus 10,32-39, portanto, apresenta a instância corajosa de compromisso da comunidade cristã sob circunstâncias adversas no passado como um modelo para a sua perseverança atual. Partindo de uma tradição cristã primitiva designada a fortalecer os cristãos na crise de perseguição, o autor aplica a tradição da experiência dos destinatários a fim de encorajá-los a imitar seu próprio exemplo. A perseverança da comunidade terá como resultado que seus membros “receberão a promessa”. A promessa, um motivo que tinha aparecido antes como um modo de aludir à salvação inaugurada por Cristo (4.1.8; 6,12.17; 8,6), surge novamente, constituindo-se num fio condutor importante através do capítulo 11 (v.13.17.33.39). Hebreus procura motivar a comunidade a “não abandonar a segurança” (10,35), que é, significativamente, opos-

---

<sup>22</sup> Paulo, quando preso, recebeu encorajamento e apoio das igrejas (Filipenses 2,25). Inácio de Antioquia, em sua jornada para Roma, recebeu a visita e apoio dos cristãos. Luciano, Peregrinus 12-13, apresenta uma descrição do tipo de apoio que um grupo de cristãos podia oferecer para ajudar um dos seus companheiros, podendo incluir alimentos, roupas, amizade e companhia dia e noite. Cf. deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 159; BRUCE, F.F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, p. 269-270; LANE, William L. Hebrews 9-13, p. 299-300.

ta à vergonha, assinalando o grande galardão que eles tinham recebido e que receberiam se permanecessem firmes no seu compromisso. Ou seja, os fiéis são exortados a demonstrar fé e não voltar atrás no seu compromisso com Cristo. Neste contexto, Hebreus retorna aos exemplos celebrados de compromisso e fé, a fim de estimular o zelo deles pela honra diante de Deus e reforçar a idéia de que eles deveriam continuar afastados dos valores da sociedade vigente.

## 2. Hebreus 11: Estrangeiros e peregrinos sobre a terra

Tendo apresentado o exemplo da comunidade no passado sob circunstâncias adversas, Hebreus apresenta os heróis da fé no capítulo 11, o qual, formalmente, se assemelha às listas de exemplos e aos sumários da história da salvação do período helenístico e romano. Estas listas faziam parte da homilia da sinagoga helenista e a maior parte delas, além de exortar a um determinado tipo ou prática de virtude, apresentavam também o significado do plano salvífico de Deus. Elas não são somente uma série de exemplos, mas também um resumo da história da salvação, condensada nas descrições das ações dos amigos de Deus, as quais ilustram a ação de Deus naquela história<sup>23</sup>. Os heróis apresentados são exemplares porque sua fé naquilo que fizeram ou não viram ainda é aprovado por Deus nas Escrituras, e, apesar de aprovados, morreram sem ter recebido as promessas. Eles são “a grande nuvem de testemunhas” e testemunhas das “melhores coisas” que Deus preparou.

Hebreus 11 pertence à exortação iniciada em 10,32, sendo também preparado pela citação de Habacuque 2,3b-4 e Isaías 26,20, ao contrastar “fé” e “afastamento”. A fé conduz à vida, leva ao galardão (10,35-36), ao passo que o afastamento traz a desaprovação e destruição (10,37-39).

---

<sup>23</sup> THYEN, Hartwig. *Der Stil der jüdisch hellenistischen Homilie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1955; COSBY, Michael R. *The Rhetorical Composition and Function of Hebrews 11, in Light of Example Lists in Antiquity*. Georgia: Macon, 1988, p. 8-24; EISENBAUM, Pamela M. *The Jewish Heroes of Christian Faith. Hebrews 11 in Literary Context*. Atlanta: Scholars Press, 1997, p. 18-35; 84-87.

Hebreus primeiro motiva os destinatários a identificar-se com a fé e, então, desperta neles o desejo de fazer disto a sua característica maior. Em seguida, procura desenvolver através dos exemplos que apresenta o que a fé pode empreender. Através do louvor dos antigos, que incorporaram esta virtude e foram aprovados por Deus (11,2), Hebreus procura motivar os destinatários a escolher em sua própria situação um modo de vida que incorpora a fé, compromisso e confiança, de forma que eles também possam participar das promessas que Deus tem para os que perseveram (11,40)<sup>24</sup>. Hebreus 11 apresenta o exemplo positivo dos fiéis do Antigo Testamento, procurando confrontar os destinatários com o absurdo de seguir outro caminho que não a perseverança. Além disso, estes fiéis perseveraram mesmo sem terem recebido a promessa (11,39-40). O fio condutor que liga os exemplos e a fé demonstrada por eles mostra que os exemplos maiores apresentados, como Abraão, Moisés e os mártires, assumem um status social mais baixo aos olhos da sociedade devido ao galardão celestial que esperam. Eles são “imitadores dos que, pela fé e perseverança, recebem a herança das promessas” (6,12).

---

<sup>24</sup> Segundo David A. de SILVA. **Despising Shame**, p. 181, Hebreus desenvolve uma retórica que revela uma relação sub-cultural com a cultura étnica judaica. Hebreus enfatiza um valor que era central para o judaísmo, a lealdade e a confiança em Deus, demonstrando como os cristãos podem cumprir aquela virtude de forma mais completa que os que estavam fora da sub-cultura cristã. O uso de “testemunhar” e sua ocorrência na transição do encômio para a conclusão de 11,39 indica também que Hebreus deseja enfatizar que a perseverança na fé resultará num reconhecimento similar dos destinatários diante de Deus, um testemunho do seu valor e uma concessão de honra. Assim, na apresentação da fé no capítulo 11 vemos Deus como benefactor (11,16; veja 10,35; 11,26), o que envolve a criação de uma relação cliente/patrão, tendo em vista a honra de ambos. O cliente pode apelar ao seu patrão como o vindicador da sua honra (Salmo 61,8 LXX; Salmo 118,22.39 LXX). A prática fiel dos deveres fornece a confiança de que o patrão assistirá o fiel em tempo de necessidade e não permitirá que ele caia em desgraça. A fé também leva em consideração as coisas não vistas e as realidades futuras ao traçar seu curso de ação (11,3.7.10.16.20.22.26b.27b.35b), tornando relativas a importância do visível e presente (2 Coríntios 4,16-18). Realmente, ao considerar o invisível como visível, Abraão, Moisés e os mártires suportam a perda de prestígio e status que as ações de fé trazem aos olhos dos incrédulos e, assim, alcançam a vida e honra diante de Deus e na memória do seu povo (11,2).

## Hebreus 11,8-19: O exemplo de Abraão

Hebreus 11,8-19 destaca a experiência de fé de Abraão, que é justificada pela inserção homilética dos v.13-16. O texto relativo a Abraão divide-se em três partes: a migração dele para a terra da promessa (v.8-12), a inserção homilética sobre a verdadeira pátria (v.13-16) e o sacrifício de Isaque (v.17-19). O comentário homilético segue o tema dos v.8-10 e não dos v.11-12, imediatamente precedentes. De fato, 11,13-16 separa a narrativa do nascimento miraculoso de Isaque (v.11-12) da que fala sobre a preservação dele (v.17-18). Nesta apresentação destacam-se alguns aspectos da história familiar de Abraão, mas Hebreus destaca a partida dele da terra natal em obediência à vontade de Deus (11,8-10), para um lugar desconhecido (11,13-16). Abraão é chamado para viver como estrangeiro numa terra estrangeira<sup>25</sup>. Ele é apresentado como “estrangeiro e peregrino”, uma expressão normalmente usada para indicar pessoas que desfrutavam de um status mais baixo que os outros cidadãos<sup>26</sup>. A experiência de migração dele é destacada justamente porque a sua chamada indica a separação e até mesmo a alienação que acompanhou o fato de ele ter sido escolhido por Deus. Muitas coisas foram prometidas a Abraão, mas a separação da pátria fica evidente nas palavras que lhe foram dirigidas pelo próprio Deus: “O Senhor disse a Abraão:

---

<sup>25</sup> A terra nativa era importante para uma pessoa e para o seu sentido de identidade e as pessoas de um mesmo país formavam o grupo primário de referência para a pessoa. Viver longe da terra nativa, entretanto, expunha a pessoa à perda de status e a um acesso limitado a adquirir honra na terra estrangeira. De acordo com o Sirácida 29,24-28: “Triste vida é andar de casa em casa, aí és forasteiro, não poderás abrir a boca; tu és um estranho, darás de beber sem receber um obrigado e, além disso, ouvirás palavras amargas: ‘Vem cá, forasteiro, põe a mesa; se tens alguma coisa, dá-me de comer.’ ‘Retira-te, forasteiro, cede lugar a um mais digno, vou hospedar meu irmão, preciso da casa.’ Essas coisas são pesadas para um homem sensato: a censura do hospedeiro e a injúria do credor.”

<sup>26</sup> A falta de cidadania expunha a pessoa a experiências maiores de desgraça e perda, pois ela trazia segurança e alguns laços dentro da sociedade. A falta de cidadania também deixava a pessoa à deriva, sujeita ao abuso e insulto. No caso dos judeus de Alexandria, sua perda de cidadania foi um prelúdio dos desastres que destruíram a honra, a propriedade e a vida deles. Cf. deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 185-186.

‘Parte da tua terra, da tua família e da casa de teus pais para a terra que eu te mostrarei’” (Genesis 12,1).

Segundo Hebreus, “Pela fé, Abraão, respondendo ao chamamento, obedeceu e partiu para um lugar que devia receber em herança, e partiu sem saber para onde ia” (11,8). Deus não disse para onde Abraão deveria ir, até aquele destino ser alcançado, e, embora tenha afirmado que lhe daria a terra, quando Abraão lá chegou, encontrou outro povo vivendo ali, o que fez com que ele se tornasse um “residente estrangeiro” (11,9). Na discussão sobre a fé de Abraão, Hebreus não cita o texto prova de Gênesis 15,6: “Abraão teve fé no Senhor, e por isso o Senhor o considerou justo”. Ele é um dos poucos exemplos de fé da Escritura que Hebreus apresenta, mas não explora o potencial total do seu próprio exemplo, pois o seu interesse primário não é a fé de Abraão, mas a eleição dele e o isolamento subsequente do lar, da nação e do mundo, juntamente com Isaque e Jacó.

Hebreus não compartilha as interpretações contemporâneas sobre Abraão, as quais quase nunca o apresentam como estrangeiro. Elas evitam ou ignoram o fato de Abraão não ser, verdadeiramente, um israelita. Por ser fundamentalmente o “pai da nação”, a descrição bíblica do seu status como residente estrangeiro normalmente não aparece nas narrativas do chamado dele, as quais, freqüentemente, o apresentam como o judeu por excelência<sup>27</sup>. Mas Hebreus acentua a falta de conexão de Abraão com Israel ao recontar o episódio da migração dele. A falta de conexão “com”, “de onde veio” ou “onde Abraão chegou” indica o isolamento dele de um povo e de uma terra. Por essa razão, o midrax de 11,13-16, derivado de Gênesis 23,4, apresenta a experiência de Abraão como um estrangeiro e peregrino, comentando a vida dele, nomeadamente a migração para Canaã e a subsequente vida semi-nômade (Gênesis 12,1-3; 20,1; 21,24; 23,1). Hebreus é testemunha de uma tipologia de Abraão, de acordo com a qual ele é o “peregrino” por excelência, o modelo para aqueles que peregrinam na terra devido ao seu ideal religioso.

---

<sup>27</sup> SIKER, J. S. **Disinheriting the Jews. Abraham in Early Christian Controversy**. Louisville: John Knox Press, 1991; p. 17-27; VERMES, G. **Scripture and Tradition Judaism**. Leiden: E. J. Brill, 1973, p. 67-126.

A afirmação inicial do midrax: “De acordo com a fé, todos estes morreram sem ter alcançado a realização das promessas” (v.13a), refere-se a todos os heróis mencionados antes na lista e muitos outros serão ainda apresentados, pois Abel, Enoque, Noé e os patriarcas são parte da trajetória histórica de Abraão. Mas Hebreus 11,13-16 comenta, em geral, a vida dele, pois ele é o personagem que melhor exemplifica o que Hebreus quer deixar claro para os seus destinatários: separação e marginalização. É a própria história de Abraão em Gênesis que fornece a linguagem que fala sobre a separação. Em Hebreus, a confissão dos patriarcas de que são “estrangeiros” e “peregrinos” intensifica a expressão utilizada em Gênesis. Por isso, o restante do v.13 especifica que a morte dos patriarcas, de acordo com a fé, foi marcado por uma expectativa oposta ao cumprimento. Foi numa condição de fé e não de cumprimento que os heróis morreram.

O v.14 sugere que Abraão poderia ter retornado à sua pátria original. Contudo, a expressão “todos estes” é uma referência mais ampla: “De acordo com a fé, todos estes morreram sem ter alcançado a realização das promessas, mas tendo-as enxergado e saudado de longe e reconhecendo-se estrangeiros e peregrinos na terra. Pois aqueles que assim falam mostram claramente que estão à procura de uma pátria” (v.13-14). Esta linguagem prepara a declaração do v.16: “De fato, aspiravam a uma pátria melhor, a uma pátria celeste. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado seu Deus; de fato, ele preparou-lhes uma cidade” (11,16), que afirma que a meta das peregrinações de Abraão não é terrena, mas a terra prometida celestial. Os patriarcas estão separados do mundo no qual eles vivem. Eles estão alienados da sua pátria, bem como da terra prometida por Deus, o que faz com que a afirmação do v.15a: “e, se tivessem tido em mente aquela de onde haviam saído” indique não um desejo nostálgico pela antiga pátria, mas por uma pátria melhor<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Nesta passagem, a especulação sobre a cidade (Jerusalém) celestial é outra concepção que faz parte do eschatologoumena de Hebreus (veja 12,22 e 13,13-14), uma concepção que floresceu na literatura apocalíptica e rabínica, mas em menor escala no judaísmo helenístico. Esta idéia foi também amplamente usada pelos escritores do Novo Testamento para expressar em termos concretos o objeto das esperanças escatológicas

Quando, então, Abraão e sua família, motivados pela fé, abraçam a vida de “estrangeiros e peregrinos”, isto seria entendido como a escolha de um status mais baixo, e traria desonra e perigo. Apesar de não sabermos se Abraão sofreu algum destes infortúnios em sua peregrinação, o contexto cultural dos destinatários sugere que o autor e eles teriam entendido a escolha de Abraão como uma aceitação da perda de prestígio por causa da obediência à vontade de Deus. À luz da experiência da comunidade apresentada em 10,32-34, podemos, portanto, afirmar que Hebreus se atém a este aspecto da apresentação de Abraão porque ele responde de forma mais próxima à situação dos seus destinatários. Abraão é descrito como alguém que procura o exílio a fim de alcançar algo melhor, a cidade celestial que Deus preparou. Hebreus descreve a cidade pela qual Abraão escolheu o status e desonra de estrangeiro como “construída por Deus” (11,10.16). Entretanto, a cidade celestial fundada por Deus tem valor maior que as cidades terrenas e confere um status maior aos seus cidadãos do que as cidades terrenas aos seus. Abraão e sua família mantiveram este prêmio maior diante deles todo o tempo (11,10.14) e, avaliando com os olhos da fé, eles suportaram a desgraça temporária como meio de atingir a meta (11,13)<sup>29</sup>.

Neste sentido, Abraão e os seus descendentes, ao deixar sua terra nativa em obediência à vontade de Deus, eles aceitam o status mais baixo de estrangeiros e peregrinos, sendo expostos à reprovação e desonra que acompanhavam aquela mudança de status. Ele confessaram este status, perseveraram nele (11,11.13.16) e, a despeito do fato de que

---

crístãs. Paulo fala do politeuma celestial dos crístãos (Filipenses 3,20) e da Jerusalém de cima, que é livre (Galatians 4,26). O Apocalipse de João descreve vividamente a nova Jerusalém (21,9-22,5). Para Hebreus, a cidade já existe, permanentemente no céu (11,10.16; 12,28; 13,14). Nela está o protótipo do altar construído por Moisés (8,5; 9,23). É a própria terra da promessa que os patriarcas desejaram, viram e saudaram de longe (11,8-12). Cf. de YOUNG, James Calvin. **Jerusalem in the New Testament. The Significance of the City in the History of the Redemption and in Eschatology**. Kampen: Netherlands, 1960, p. 117-145; DEUTSCH, Celia. Transformations of Symbols. The New Jerusalem in Revelation 21,1-22,5. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft** 78, 1987, p. 106-126.

<sup>29</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 187-188.

poderiam voltar à situação que tinham no seu país de origem (11,15), não foram afetados por qualquer tipo de vergonha diante da opinião da sociedade vigente e não se sentiram motivados a deixar aquela relação marginal em troca de um lugar de honra aos olhos daquela sociedade. Por essa razão, “Deus não se envergonha de ser chamado seu Deus”, da mesma forma que o Filho faz com os muitos filhos: “Pois o santificador e os santificados têm todos a mesma origem; por isso, ele não se envergonha de chamá-los de irmãos” (2,11). Associando-se o próprio nome de Deus a eles, sua honra é preservada como uma extensão da honra de Deus. Abraão e os patriarcas desconsideraram a opinião dos infiéis. Eles desprezam a vergonha ao permitir que a ordem de Deus defina o que constitui comportamento honroso e desonroso. A obediência a Deus conduz à honra, nunca à desgraça e, também, à boa reputação e aprovação na comunidade fiel<sup>30</sup>.

### **Hebreus 11,23-28: O exemplo de Moisés**

A apresentação dos exemplos de fé de Hebreus 11 refere-se, de forma particular, à situação dos destinatários. Moisés é apresentado como alguém mais na relação do povo de Deus que sofreu por causa da fidelidade. Hebreus não menciona a fama dele como legislador e mediador da nova aliança. O que é central é o fato de que ele renunciou um lugar de honra no mundo e escolheu o status de escravo em solidariedade ao povo de Deus. Assim, logo após a indicação do nascimento e a preservação miraculosa dele (11,23), Hebreus afirma que Moisés “recusou a ser chamado filho da filha de Faraó”, e, em seguida, apresenta eventos da vida dele que indicam um conflito onde “o que se vê” deve ser avaliado em função do que “não se vê”. Chamado “filho da filha de Faraó”, Moisés, motivado pelas “coisas ainda não vistas”, abandonou os tesouros do Egito, preferindo sofrer e compartilhar a sorte do “povo de Deus”: “Pela fé, Moisés, tendo crescido, renunciou a ser chamado filho da filha de Faraó. Preferiu ser maltratado com o povo de Deus, a gozar,

---

<sup>30</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 190.

por um tempo, do pecado” (11,24-25). Moisés torna-se parte dos “filhos de Israel” (Exodo 2,11 LXX). Ele está separado porque conscientemente escolhe deixar o Egito, recusando permanecer membro da casa real egípcia e rejeitando tudo que ela poderia ter-lhe fornecido, para sofrer junto com o povo de Deus<sup>31</sup>.

Apresentado como membro da família real egípcia e, possivelmente, como o herdeiro do trono do Egito, Moisés renuncia e de fato despreza estas honras em favor de ser “maltratado junto com o povo de Deus”. Ele deixa para trás as honras do trono a fim de unir-se a escravos, povo do mais baixo status social e sujeitos ao insulto e abuso físico. É interessante observar que o prazer da corte do Egito é qualificado por dois termos. O primeiro termo, “temporário”, contrasta com “permanente”, que é usado para descrever a herança eterna (10,34; 12,27; 13,14), fazendo com que a honra ou conforto possibilitados pela alegria temporária do status terreno e riqueza não tenha valor último, estando mesmo sujeita a ser transformada em desgraça e dor no dia da visita de Deus<sup>32</sup>. O segundo termo identifica este prazer com o “pecado”. Aqui pecado é mais que transgressão da lei, sendo a recusa a viver em solidariedade com o povo de Deus. O conteúdo deste pecado era afastar-se do povo de Deus. Neste texto, pecado é não perseverar, não suportar as injúrias junto com irmãos e irmãs. Esta definição de pecado, ou seja, não ser solidário com o povo de Deus em seu sofrimento e, principalmente a perspectiva da impossibilidade de restauração de alguém que peca depois de ter conhecido a fé (6,4-6; 10,26-31), relaciona o termo pecado com a crise que os destinatários de Hebreus estavam enfrentando. O pecado ocorre quando a comunhão com o povo de Deus é recusada ou abandonada, cedendo à tentação e procurando um lugar de prazer na sociedade infiel. O pecado ocorre quando alguém abandona o “ser maltratado junto com o povo da Deus” para alcançar a honra definida pelos inimigos

---

<sup>31</sup> D'ANGELO, M. R. **Moses in the Letter to the Hebrews**, p. 28-32; 46-47; BUCHANAN, G.W. **To the Hebrews**. Anchor Bible Commentary. New York, 1972, p. 187-188; SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux 2**, p. 358-359.

<sup>32</sup> SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux 2**, p. 357-358; LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 371-372; de SILVA, David A. **Despising Shame**, p. 191-192.

de Cristo. Moisés demonstra a sua fé ao escolher ser maltratado e desonrado junto com o povo de Deus aos olhos do mundo, cuja honra, paradoxalmente, está destinada a ser totalmente destruída no dia da manifestação de Deus. Klaus Wengst declara:

Nas histórias de Moisés, o autor redescobre o conflito de sua própria época (...) Em 10,32 ele recorda aos seus leitores e ouvintes os “primórdios”, imediatamente a seguir ao seu batismo, que os colocara diante deste conflito e, portanto, na comprovação de uma luta de sofrimento, a qual atingia, segundo os v.32-34, a todos na comunidade; a alguns diretamente através da prisão e do desprezo público, aos outros pela solidariedade com os diretamente atingidos e pelas conseqüências daí decorrentes, como a confiscação dos bens. O motivo para recordar este tempo de sofrimento é que a ameaça existe sempre, de forma latente, e o autor não quer que dela se fuja recorrendo a adaptação. Por isso ele exorta, no v.35, a não perder a coragem e o destemor. Analogamente, na retrospectiva às histórias de Moisés, ele menciona duas vezes a intrepidez perante o faraó, que, no contexto deste motivo, tanto no v.25 como no v.27, é chamado “o rei”. A palavra grega que está no fundo designa freqüentemente o imperador romano. Os pais de Moisés agiram “ancorados na fé” contra um “edito oficial do rei”. A fé demonstra-se neles, como nos cristãos a quem o autor da carta se dirige, na intrepidez em não temer ser acusado de ilegalidade. O arrojo com que Moisés renunciou a seus privilégios e se tornou solidário com o povo de Deus oprimido (11,24-26) e, no qual outrora aqueles que não tinham sido atingidos pelas medidas persecutórias se tornaram companheiros daqueles que eram atribulados por elas (10,33-34), o autor quer que seja mantido por aqueles a quem escreve. Outro comportamento seria pecado. Moisés “preferiu ser maltratado com o povo de Deus a gozar, por um tempo, do pecado” (11,25). “Pecado” é, aqui, a recusa da solidariedade com o povo de Deus sofredor. Lealdade incondicional oferece segurança, permite gozar a vida; a persistência na profissão de fé em Jesus, que se comprova na solidariedade prática, expõe, possivelmente, à perseguição. A descoberta desta situação e da sua superação na Escritura encoraja a perseverar na própria situação, a permane-

cer solidariamente na comunidade dos atribulados, a não ceder, a contradizer<sup>33</sup>.

A escolha de Moisés é motivada por sua avaliação do valor respectivo dos tesouros do Egito e a “reprovação de Cristo”. Com os olhos fixos no galardão (11,26), ele achou que a reprovação de Cristo constituía o maior tesouro. O v.26: “Considerou a humilhação de Cristo como uma riqueza maior do que os tesouros Egito, pois tinha os fixos na recompensa”, é um breve comentário, cuja função é similar ao midrax dos v.13-16 na seção de Abraão. Nos dois casos, Hebreus mostra as motivações dos heróis. Abraão, depois de migrar para Canaã, teve de viver como estrangeiro e peregrino na terra da promessa, pois ele ainda não havia chegado à verdadeira pátria. Moisés, por sua vez, “considerou a humilhação de Cristo como uma riqueza maior do que os tesouros Egito”<sup>34</sup>. Hebreus destaca este aspecto emocional, tanto ao falar dos patriarcas quanto de Moisés, pois mesmo que os deixe saber que há galardões que os esperam, eles não os experimentaram durante as suas

---

<sup>33</sup> WENGST, Klaus. **Pax Romana. Pretensão e Realidade. Experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 203-204.

<sup>34</sup> A expressão “humilhação de Cristo” deriva do Salmo 68 (LXX) e 88,51-52 (LXX). A leitura do Salmo 88 apresenta duas características marcantes. Primeiro, a passagem é geralmente interpretada de forma a assinalar a auto-doação de Cristo em favor do seu povo. Segundo, a mudança é interpretada principalmente como uma mudança de status que envolve reprovação. Na medida em que se refere à morte do Senhor, e até mesmo aos abusos que ele sofreu nos relatos evangélicos da crucificação, existe certa identificação de humilhação neste verso com a humilhação do grande salmo da paixão (Salmo 68 LXX). As leituras cristãs do Salmo 88,51-52 LXX fornecem um modelo de leitura destes Salmos que pode ter sido utilizado por Hebreus. Tanto Cristo quanto Moisés trocaram a “alegria que poderiam ter” pelo sofrimento e opróbrio junto ao povo de Deus. Mas Cristo, como líder de nossa fé, a conduz também à perfeição (12,2). Moisés, ao fazer uma escolha semelhante à de Jesus, trouxe sobre si a mesma reprovação, mas apesar de morrer sem receber a promessa, pode contemplá-la, pois “olhou além do galardão”. Cf. D’ANGELO, M. R. **Moses in the Letter to the Hebrews**, p. 48-53; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 341-344; MOO, Douglas J. **The Old Testament in the Gospel Passion Narratives**. Sheffield: The Almond Press, 1983, p. 262-264.

vidas. A fé considera as realidades terrenas à luz das realidades eternas, fazendo com que o que pode provocar reprovação e desonra na corte de opinião do mundo seja transformado no caminho para a honra diante de Deus<sup>35</sup>.

Portanto, qualquer que seja o significado de Hebreus 11,24-26, ele deve também concordar com o uso da mesma expressão em Hebreus 13,12-13, onde aos destinatários é dada a exortação de carregar a “reprovação de Cristo”: “Por este motivo Jesus, para santificar o povo com seu próprio sangue, sofreu do lado de fora da porta. Saiamos, pois, ao seu encontro, fora do acampamento, carregando a sua humilhação”. Esta exortação, além disso, relembra a experiência anterior de desgraça (10,32-34), a qual incluía a reprovação e era resultado da associação dos destinatários com Cristo. Nesse sentido, da mesma forma que os sinóticos localizam o Salmo 68,10 no contexto da vida de Jesus, Hebreus coloca o Salmo 68,8.10 nos lábios de Jesus, que suportou insultos e desgraça por causa da obediência a Deus. Entretanto, assim como Cristo desprezou o valor de honra da sociedade e trouxe sobre si a reprovação, derivada da sua obediência a Deus, assim também o fez Moisés e os destinatários são também convocados a fazê-lo. A “reprovação de Cristo” significa a reprovação devido à perseverança na obediência à chamada de Deus. Ela foi exemplificada por Jesus e também indica que a esperança daqueles que têm compartilhado os sofrimentos de Cristo compartilharão a exaltação e o galardão que Cristo recebeu (Hebreus 2,10; 12,2).

Hebreus destaca também que Moisés, da mesma forma que Isaque, Jacó e José (11,20-22), tem poder profético para antecipar o futuro: “Pela fé, abandonou o Egito sem temer a ira do rei e, como quem vê aquele que é invisível, manteve-se inabalável” (v.27). Moisés é motivado pelas “coisas não vistas”. Vale lembrar que, em geral, Hebreus apresenta Moisés como um visionário<sup>36</sup>, destacando eventos específicos da vida dele, assim como fez com os outros personagens, mas em vez de apresentá-lo como o condutor dos israelitas para fora da escravidão,

---

<sup>35</sup> de SILVA, David A. **Despising Shame**, p. 193-194.

<sup>36</sup> D'ANGELO, M. R. **Moses in the Letter to the Hebrews**, p. 95-145.

descreve-o como um homem que sabe fazer boas escolhas. À luz da promessa, pois “olhou o galardão”, Moisés escolhe abraçar a reprovação de Cristo, ou seja, escolher o curso da obediência a Deus, mesmo à custas de ser desonrado aos olhos do mundo. Moisés desprezou a vergonha, renunciando às honras do mundo onde ele nasceu e foi adotado. De modo análogo ao modelo de Cristo, assumiu a forma de escravo e escolheu ser desonrado e reprovado na companhia do povo de Deus, unindo-se assim ao seu destino, ao invés de beneficiar-se dos prazeres daquela sociedade e ligar-se ao destino dela. A fé o conduziu à escolha da desgraça temporária e a avaliar as honras do mundo à luz do galardão de Deus. Moisés, como Abraão, deixa a sua terra de origem, unindo-se ao povo de Deus em sua peregrinação, a fim de alcançar o galardão prometido.

Hebreus não apresenta Moisés como um herói nacional e ignora o chamado divino para conduzir o povo, a sua função de intercessão entre o povo e Deus e a aliança do Sinai<sup>37</sup>. Percebemos a razão da escolha de Moisés quando examinamos sua relação com a exortação como um todo e, em particular, com a introdução e a conclusão da lista. Uma comparação entre a apresentação de Moisés e os personagens apresentados em Hebreus 11 demonstra que ela está conformada com a situação dos destinatários e com o que Cristo fez. No passado, os destinatários de Hebreus experimentaram injúrias e julgamento, sofreram e perderam os bens (10,33-34). A fidelidade passada da comunidade é descrita em termos que lembram Moisés, cuja escolha acomoda-se a esta interpretação de sua existência. Moisés escolheu ser maltratado junto com o povo de Deus (11,25), abandonou os tesouros do Egito e olhou o galardão que estava adiante (11,26). Ele até mesmo suportou o “opróbrio de Cristo” (11,26), que é exatamente o que os destinatários têm sofrido (10,35). Assim, a função exemplar de Moisés amolda-se

---

<sup>37</sup> Sirácida 45,3-5 indica quão significativo é essa omissão: “Pela palavra de Moisés fez cessar os prodígios e glorificou-o em presença dos reis; deu-lhe mandamentos para o seu povo e fez-lhe ver algo de sua glória. Na sua fidelidade e doçura ele o santificou, escolheu-o entre todos os viventes; fez-lhe ouvir a sua voz e o introduziu nas trevas; deu-lhe face a face os mandamentos, uma lei de vida e de inteligência, para ensinar a Jacó as suas prescrições e seus decretos a Israel”.

à situação dos destinatários e, em particular, à escolha que é colocada diante deles. Confrontados com o exemplo de Moisés, os destinatários poderiam mais uma vez afirmar a sua renúncia ao seu próprio status e aceitar a perda de honra e lugar na sociedade com alegria ao escolher a solidariedade com o povo de Deus (10,25) e com os seus irmãos e irmãs marginalizados (13,3).

### **Hebreus 11,33-38: Os mártires e os marginalizados**

Hebreus 11,32-38 apresenta um grupo de pessoas que foram martirizadas ou torturadas, que suportaram a desgraça e afronta ao cumprirem as exigências da fé, razão pela qual elas são inseparáveis daquelas que realizaram através da fé atos dignos de ser honrados e louvados na memória do povo de Deus. Os heróis mencionados não são apresentados numa ordem cronológica e vários nomes de baixo status social são combinados. A mudança de uma ordem cronológica para uma de natureza fortuita, de uma lista de heróis e suas obras para uma lista de nomes que não estão associados entre si, e então para uma lista de eventos cujo referente não está claro, apresenta uma leitura caótica da história. Hebreus também não menciona a conquista da terra, a monarquia, a construção do templo. Nenhuma das glórias nacionais da história de Israel recebe atenção, diferenciando Hebreus grandemente da história judaica. Hebreus desenvolve uma linha histórico-salvífica dissociada da história nacional de Israel, não causando surpresa que aconteça a exclusão de alguns fatos importantes da história israelita<sup>38</sup>. Os eventos mencionados nos v.33-38 também colaboram para acentuar este aspecto ao se referir às vidas dos profetas e mártires macabeus: eles não são reis ou sacerdotes. Além do mais, esta seção desloca-se do positivo ao negativo, deixando os destinatários no lado de baixo da história.

---

<sup>38</sup> SPICQ, Celas. *L'Épître aux Hébreux* 2, p. 362; EISENBAUM, Pamela M. *The Jewish Heroes of Christian Faith*, p. 174-175; DUNNILL, John. *Covenant and Sacrifice in the Letter to the Hebrews*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 181-183.

A transição do v.31 para o v.32, realizada por meio da pergunta retórica: “E que mais acrescentar? (v.32a), é seguida pela afirmação de que o tempo e o espaço disponíveis não permitem continuar apresentando outros exemplos (v.33-35). Os versos 35b-38 são aplicados de forma mais direta aos destinatários. Os v.33-34 focalizam realizações política e militar, incluindo cenas do livro de Daniel (1 Macabeus 2; 4 Macabeus 16;18). Nos v.32-34, os heróis apresentados são exemplos de fidelidade heróica assim como aqueles que “repeliram os exércitos estrangeiros”. O v.35 muda para eventos bíblicos mais específicos. A nota positiva “mulheres reencontraram seus mortos, pela ressurreição” (v.35a; veja 1 Reis 17,17-24; 2 Reis 4,18,37 ) é quebrada no começo do v.35b: “Mas outros sofreram o esquartejamento, rejeitando a libertação para conseguir uma ressurreição melhor”, onde se inicia a lista de sofrimentos suportados por vários personagens<sup>39</sup>.

Os personagens apresentados que foram torturados até a morte por causa de uma melhor ressurreição constituem uma clara referência aos macabeus, pois eles se tornaram exemplos importantes de compromisso com Deus e a Torá no judaísmo helenístico (2 Macabeus 6,18-7,42)<sup>40</sup>. 2 Macabeus 7 afirma que os mártires, em meio ao escárnio e zombaria de seus inimigos, sofrem uma morte vergonhosa, mas eles suportam a dor e a vergonha. Ao acentuar este aspecto, 2 Macabeus deixa claro que eles tinham chegado a este ponto e não retornando a um caminho que poderia oferecer conforto e honra. Como Abraão e os patriarcas, eles poderiam ter retornado e abandonado a jornada que a obediência a Deus requeria, mas eles tinham os olhos postos no galardão, o qual, neste texto, é apresentado como “uma melhor ressurreição” (11,35). Porque eles valorizam a esperança que Deus dá ao fiel, são capazes de recusar as promessas de honra e alto status oferecidas, e prosseguir no caminho que traz sobre eles completa desgraça diante da opinião pública, mas para eles honra e vida diante de Deus<sup>41</sup>. Eles repetem em suas

<sup>39</sup> SPICQ, Ceslas. *L'Épître aux Hébreux* 2, pp.369-371; BRUCE, F.F., *The Epistle to the Hebrews*, pp.319-328.

<sup>40</sup> Cf. HENTEN, Jan Willem van. *The Maccabean Martyrs as Saviours of the Jewish People. A Study of 2 & 4 Maccabees*. Leiden: E. J. Brill, 1997.

<sup>41</sup> A tortura até a morte era uma experiência de dor física extrema e de total degradação. A pessoa era sujeita a abusos físicos, que envolviam um desafio a sua honra

vidas a escolha de Moisés que, similarmente, rejeitou os benefícios de uma relação com um rei humano para alcançar o favor de Deus<sup>42</sup>. Como Abraão e Moisés, eles recusaram a honra da sociedade vigente, a fim de alcançar um lugar de honra diante de Deus. Eles não permitiram que as pressões sociais de reprovação ou abuso físico os envergonhassem diante daqueles que não têm compromisso com Deus e nem esperança no galardão prometido.

Neste sentido, eles formam uma corrente com os que “sofreram a provação dos escárnios e do chicote e a das correntes e da prisão; foram apedrejados, foram serrados; morreram assassinados à espada; levaram uma vida errante, vestidos de peles de carneiro e de pêlos de cabra; foram sujeitos às privações, oprimidos, maltratados, eles de quem o mundo não era digno; erravam pelos desertos e montanhas, pelas grutas e cavidades da terra” (11,36-38). Nesse catálogo de desonrados e marginalizados, localizados nas margens da sociedade, em lugares que indicam o oposto da ordem social, Hebreus introduz a avaliação: “dos quais o mundo não era digno; errantes pelos desertos e montanhas, pelas grutas e cavidades da terra”. Essa afirmação envolve uma inversão das avaliações de honra e desonra e é parte essencial da exortação e declaração irônica da dignidade relativa dos peregrinos e do mundo, consiste numa inversão das normas da sociedade<sup>43</sup>. Como nos v.13-16, que fala sobre as peregrinações de Abraão, e do v.26, sobre Moisés, este verso constitui um comentário sobre as peregrinações dos heróis mencionados nos v.33-37. As pessoas que foram perseguidas e mortas, que peregrinaram forçadamente pelos desertos e viveram em montanhas e covas da terra e foram rejeitadas são os modelos de fé e aquelas das quais o mundo não era digno. Elas desprezaram a vergonha ao renunciar a honra, status e a aprovação oferecida pela sociedade infiel, prefe-

---

peçoal, sendo-lhe negada a possibilidade de reparar a sua honra durante a vida. Cf. deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 197-198.

<sup>42</sup> de SILVA, David A. **Despising Shame**, p. 198-199.

<sup>43</sup> de SILVA, David A. **Despising Shame**, p. 199-200; MOFFATT, J. **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Hebrews**, p. 189; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 351; LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 389-391.

rindo a reprovação, ultraje e desgraça a fim de manter a sua integridade diante de Deus e alcançar o que ele prometeu.

Hebreus 11 alcança seu ponto mais alto com a afirmação de que os heróis do passado ainda aguardam a consumação, não deixando dúvidas de que ainda lhes falta alguma coisa: “Todos eles, embora tenham recebido um bom testemunho graças à sua fé, não lograram, entretanto, a realização da promessa. Já que Deus previa para nós coisa ainda melhor, eles não deviam chegar sem nós à plena realização” (v.39-40). Recordando o início do capítulo, Hebreus procura lembrar aos destinatários que estas pessoas “obtiveram bom testemunho”, mas apesar do seu grande testemunho, não receberam a promessa. O v.40 afirma que a presente comunidade está numa posição melhor que a dos heróis apresentados<sup>44</sup> e a expressão “eles não deviam chegar sem nós à plena realização” deixa clara a conexão íntima existente entre os heróis do passado e a presente comunidade. Esta conclusão é significativa porque ela destaca o sofrimento dos heróis, refletindo presumivelmente a situação dos destinatários e também porque localiza os destinatários na mesma continuidade histórica que os heróis da lista.

Para Hebreus, na medida em que a história bíblica é parte da antiga aliança, ela é uma história não acabada. As alusões sumárias aos eventos dos v.32-38 deixam a história bíblica num estado de sofrimento e caos, sendo necessário impor-lhe uma direção teleológica. Nesse sentido, a afirmação do v.40: “eles não deviam chegar sem nós à plena realização”, implica que o télos (“fim”, “objetivo”) da história somente será realizado na comunidade cristã, pois para Hebreus perfeição significa algo acabado, que alcançou o seu cumprimento<sup>45</sup>. Nesse sentido, quando aplicamos este conceito à releitura da história apresentado, Jesus Cristo transforma-se na meta última da história bíblica, aquele a quem

---

<sup>44</sup> O “algo melhor” (v.40) corresponde a “uma melhor ressurreição” (v.35c), um galardão que é reservado para uma “melhor aliança” (7,22; 8,6).

<sup>45</sup> EISENBAUM, Pamela M. **The Jewish Heroes of Christian Faith**, p. 174-175. Cf. também PETERSON, D. **Hebrews and Perfection. An Examination of the Concept of Perfection in the Epistle to the Hebrews**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

os destinatários de Hebreus devem olhar atentamente. Isso significa também que qualquer que tenha sido a situação enfrentada pelos destinatários de Hebreus, de forma alguma o sofrimento deles poderia ser comparado com aquele dos heróis da fé. Os santos do passado permaneceram fiéis, tendo por base da sua fidelidade as promessas, mas a geração presente de cristãos desfruta de privilégio ainda maior porque pode se beneficiar do ensino de Jesus, o grande sumo sacerdote (4,14-16; 5,1-10; 8,1-10,18), o qual, depois da “grande nuvem de testemunhas”, é apresentado como o exemplo por excelência. Os heróis do Antigo Testamento não receberam a promessa e não foram aperfeiçoados em seus dias. Em contraste, Jesus, tendo alcançado a promessa, completa e coroa da fé, e, estando à direita, nas alturas, tornou-se o exemplo por excelência que os cristãos devem seguir.

### **3. Hebreus 12,1-3: Jesus, o iniciador e aperfeiçoador da fé**

Hebreus 12,1-3 desenvolve a metáfora de uma luta atlética no estádio, apresentando o último exemplo de fé, Jesus, “o iniciador da fé e o que a conduz à realização” (12,1a). Jesus é o atleta modelo da fé que deve ser observado e imitado por aqueles que andam em seus passos. No capítulo 11, os heróis da fé são procurados fielmente procuram a cidade de Deus e as expressões “correr com perseverança” e “pioneiro” (12,1-2) dão continuidade ao motivo do povo de Deus peregrino. O corolário regular deste tema é que Jesus os antecipa nesta jornada. Ele foi aperfeiçoado (2,5-9; 5,7-10) e está à direita nas alturas. Existe, portanto, uma ligação lógica e dramática entre a referência aos mártires apresentados em 11,35b-38 e a formulação de 12,1: “Destarte, nós também, que estamos cercados por tal nuvem de testemunhas, rejeitemos qualquer fardo e o pecado que tão bem sabe envolver-nos, e corramos com persistência o certame que nos é proposto”, na qual o uso de “nós” contrasta com “todos estes” (11,39) e a expressão “portanto” (12,1) liga 12,1-3 com 11,1-40. “Portanto” refere-se especificamente a 11,39-40, mas olha retrospectivamente para os heróis do capítulo 11. Dessa forma, Hebreus oferece encorajamento para a perseverança cristã na fé e

obediência na corrida em direção à meta prescrita, pois a comunidade cristã deve encontrar em Jesus, “que suportou a cruz”, o exemplo supremo da fé perseverante<sup>46</sup>.

Hebreus 12,1-3 também justapõe as palavras cruz e vergonha, enfatizando não a natureza física do sofrimento mas a “vergonha” da cruz, destacando o abuso verbal que Jesus sofreu dos pecadores. A glória presente de Jesus é apresentada em oposição à dificuldade e vergonha da sua vida terrena. A cruz foi o auge da sua humilhação e sofrimentos, mas a sua exaltação celestial é interpretada como “a alegria que estava proposta”, um galardão para a sua obediência e o fato que o levou a aceitar os julgamentos que a sociedade lhe impôs. “Assentou-se”, que contrasta com o “perseverou”, indica que enquanto o sofrimento de Jesus foi “de uma vez por todas” um evento passado, sua exaltação celestial é passada, presente e futura, tornando significativo o uso do Salmo 110,1 em 12,2, pois é a única vez que este texto é utilizado no contexto de uma exortação<sup>47</sup>. Como em 10,12, a exaltação de Jesus é enfatizada,

<sup>46</sup> “Suportou a cruz” enfatiza que Jesus demonstrou a perseverança de fé, à qual os cristãos são chamados. A raiz “perseverar” ocorre em 12,1-2 com diferentes nuances: “por meio da perseverança” (v.1); “suportou” ou “tolerou uma experiência degradante” (v.2). Hebreus 12,1-3 fala da morte de Jesus não tanto como um evento redentor, como em 1,3, mas como uma dura experiência inflingida pela oposição dos pecadores (12,3), localizando a morte de Cristo na dura realidade da crucificação na antigüidade. Esta é a única referência explícita à cruz de Cristo, mas Hebreus claramente pressupõe que a morte de Jesus na cruz foi o evento objetivo através do qual a salvação foi realizada para o povo de Deus. Cf. HENGEL, Martin. **Crucifixion in the Ancient World**. Philadelphia: Fortress Press, 1977; William LANE. **Hebrews 9-13**, p. 413-414.

<sup>47</sup> A exaltação de Jesus, baseada no Salmo 110,1, é introduzida como parte do desenvolvimento cristológico de Hebreus (1,3.13; 2,5-9; 8,1-2; 10,12-13). Somente em 12,1-3 ela ocorre num contexto parenético e tem um significado hortatório. O Jesus crucificado é o Filho exaltado. Assim, a fidelidade exemplar de Jesus e suas conseqüências são acentuadas, procurando encorajar a comunidade que está sofrendo sua própria experiência de dor a perseverar em sua fidelidade. A exaltação à direita é a garantia absoluta da exaltação de Cristo e segurança daqueles que têm posto a sua esperança nele. Cf. HAY, D. M. **Glory at the Right Hand. Ps 110 in Early Christianity**. Nashville/New York, Abingdon Press, 1973, p. 85-89; GOURGES, M. **A la Droit de Dieu. Résurrection de Jésus et Actualisation du Psaume 110,1 dans le Nouveau Testament**. Paris: J. Gabalda et Cie. Éditeurs, 1978, p. 89-125;

mas agora ela contrasta não com os sacerdotes terrenos ou anjos, mas com a corrida da fé que ele já terminou, mas os destinatários ainda não. Ela é o galardão obtido em recompensa pela aceitação da experiência dolorosa da cruz e, apresentada em contraste com sua morte humilhante, indica uma aguda inversão da situação de rejeição e animosidade suportada por Jesus<sup>48</sup>.

“Assentou-se” contrasta também com a alegria efêmera que Cristo rejeitou com sua livre decisão de se submeter à cruz e a ascensão e a sua entronização foi um evento de significativa perseverança. Jesus alegrou-se com a perspectiva de sua exaltação, a qual é essencial para a salvação do ser humano (2,9-10; 5,9-10; 7,28-8,1)<sup>49</sup>. Hebreus

---

HENGEL, MARTIN. **Studies in Early Christology**. Edinburgh: T & Clark, 1995, p. 145-163.

<sup>48</sup> No mundo antigo, havia uma forte tradição da morte nobre, a qual, quando ocorria, era uma ocasião para demonstrar coragem, uma das virtudes cardeais. Uma morte nobre, na batalha ou em alguma outra tipo de serviço à pátria, era vista como uma honra especial. Uma morte vergonhosa, que não deixava chance de recuperar honra e um bom nome, mas uma lembrança de desgraça, era um dos males mais temidos. A morte na cruz era considerada a mais vergonhosa de todas e estava associada com as classes baixas, ou seja, escravos, criminosos perigosos e a elementos rebeldes das províncias. A sentença de crucificação já indicava um baixo status e, além disso, a crucificação era a punição para os inimigos e perturbadores da ordem vigente. A vítima crucificada era difamada social e eticamente pela consciência popular. Nesse contexto, a morte de Jesus na cruz foi uma experiência de completa humilhação e ele foi despojado da sua honra e do seu lugar na sociedade e na memória social. Cf. LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 416; deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 166-167; HUGHES, Philip E. **A Commentary on the Epistle to the Hebrews**, p. 524-525.

<sup>49</sup> Nas referências à exaltação de Jesus, as citações do Salmo 110,1 testemunham a glória incomparável de Jesus, mas também sugerem a glória que os cristãos devem aspirar. Hebreus 1,3 mostra a superioridade de Jesus sobre os anjos. Hebreus 8-10 mostra a superioridade sobre os sacerdotes levitas. Hebreus 12 mostra a grandeza da sua glória, a glória que os cristãos devem aspirar. O significado e flexibilidade do Salmo 110,1 é também sugerido pela sua ligação com os principais títulos cristológicos: Filho e Sacerdote, bem como com o conceito de Jesus como líder do povo de Deus peregrino. Em cada uma dessas alusões, torna-se claro o ponto chave que Hebreus deseja acentuar: “majestade” (1,3), “exaltação” (8,1; 10,12-13) e “descanso permanente” (12,2). Cf. SPICQ, Ceslas. **L'Épître aux Hébreux** 2, p. 339; HAY, D.M. **Glory at the Right Hand**, p. 88-89.

1 apresenta a exaltação de Jesus e, em seguida à exortação de 2,1-4, desenvolve a exegese cristológica do Salmo 8,5-7, onde a expressão “de glória e honra o coroaste” segue à “um pouco inferior aos anjos”. Ao aplicar esta expressão a Jesus, Hebreus interpreta “por um pouco” como uma expressão temporal, como um período de rebaixamento similar à Filipenses 2,5-11, no qual uma perda voluntária de status foi seguida por uma exaltação ainda maior. O compartilhar de Jesus da carne e sangue com filhos foi um esvaziamento, cujo propósito foi realizar a vontade de Deus (5,7-10; 10,5-10)<sup>50</sup>. A humilhação de Cristo começou com a sua encarnação, mas ela atingiu o seu clímax com a crucificação. O sofrimento de Jesus, mencionado em 2,10.18; 5,8, assume a forma específica da cruz em 12,2. Além disso, a morte dele ocorreu num lugar de impureza<sup>51</sup> e foi precedida e acompanhada pela oposição, resistência dos próprios pecadores que ele procurava beneficiar. Jesus enfrentou a oposição dos pecadores, mas a sua morte, que envolveu a perseverança no sofrimento e o desprezar a vergonha da cruz, exemplifica a perfeição da fé.

### **Cristo desprezou a vergonha da cruz**

Jesus renuncia a alegria, escolhendo sofrer a morte. A presença da expressão “nuvem de testemunhas” poderia indicar que 12,1-3 tem

---

<sup>50</sup> Hebreus 1,3 menciona a natureza salvífica da morte de Cristo e está relacionado com a exaltação da mesma forma que a citação do Salmo 8,5-7 em 2,6-8a coloca os fundamentos para definir a exaltação de Cristo através da sua morte (2,8b-19) e a apresentação da função de Jesus como sumo sacerdote. Este esquema de morte e exaltação culmina na menção do Salmo 110,1 em 7,27b-8,2: o Filho como sumo sacerdote e a sua função sacerdotal (10,11-13), bem como na última menção da exaltação em 12,2. Cf. GUTHRIE, G. H. **The Structure of Hebrews: A Text-Linguistic Analysis**. Leiden: E. J. Brill, 1994, p. 91-92; deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 165-166; PETERSON, David. **Hebrews and Perfection**, p. 49-51.

<sup>51</sup> Segundo Hebreus 13,11-12: “Porque os corpos dos animais, cujo sangue o sumo sacerdote introduz no santuário para expiação do pecado, são queimados fora do acampamento. Por este motivo Jesus, para santificar o povo com seu próprio sangue, sofreu do lado de fora da porta”.

o sentido de martírio<sup>52</sup>, mas o contexto da imagem atlética sugere “espectador” e a proximidade com testemunhar (11,2.4.5.39) fortalece o significado de testemunha<sup>53</sup>. Parte da linguagem de 12,1-3 é também característica do martírio dos macabeus. “Perseverar/perseverança” em 10,32.36; 12,7 é igual à 4 Macabeus 17,10.12.17. Os destinatários de Hebreus são chamados a “olhar para Jesus”, da mesma forma que os mártires macabeus são descritos olhando para Deus (4 Macabeus 17,10). A linguagem “foram torturados” lembra “suportar”, de 2 Macabeus 6,19.28, onde a recusa em aceitar a liberdade ao preço do compromisso caracteriza o martírio de Eleazar (2 Macabeus 6,21-23.30) e dos sete irmãos (2 Macabeus 7,1.7-8.24-30). A esperança da vindicação divina por meio da ressurreição está também nos lábios dos mártires macabeus (2 Macabeus 7,9.11.14.23.29). Assim, a combinação de ser torturado, rejeitar a libertação e a esperança da ressurreição estabelece a relação com as tradições dos mártires macabeus, cujos martírios eram tidos em alta consideração não só na piedade judaica, mas também na cristã (4 Macabeus 15,2-3)<sup>54</sup>. Jesus e os mártires macabeus desprezam a morte e a vergonha que sofrem (Hebreus 12,2; 4 Macabeus 8,28). Entretanto, se Hebreus 11 menciona os mártires macabeus e parte da

<sup>52</sup> Hebreus apresenta também outras expressões que oferecem suporte indireto para a tese de que Jesus é apresentado como um exemplo agonístico: “precursor” (6,20), “combate” (10,32) e “resistir no combate contra” (12,4). Mas Hebreus usa o particípio “rodeados por” para “nuvem de testemunhas”: elas são testemunhas dos nossos esforços, e o contexto enfatiza o aspecto de assistir e não o de testemunhar. Os mártires de 12,1 estão ativamente engajados: eles são expectadores e testemunhas, devem “desembaraçar de todo o peso” (12,1) e “correr a carreira que nos está proposta” (12,2). Hebreus 12,2 deve ser entendido à luz das expressões “corrida que jaz adiante” e “prêmio que jaz adiante”. Cf. CLOY, N. C. **Endurance in Suffering. Hebrews 12,1-13 in its Rhetorical, Religious, and Philosophical Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 43-48; 58-65; 171-172.

<sup>53</sup> Testemunha, porém, não tem o significado de “um que testifica com o seu próprio sangue e vida”, pois isto não se aplica à toda a lista de Hebreus 11. É também difícil demonstrar o sentido de martírio como “morte” antes do século segundo d. C.

<sup>54</sup> DOWNING, John, Jesus and the Martyrdom. *Journal of Theological Studies* 14/2, 1963, p. 279-293; JONGE, Marinus de. Jesus' Death for Others and the Death of the Maccabean Martyrs. *Jewish Eschatology, Early Christian Christology and the Testament of the Twelve Patriarchs*. Leiden: E. J. Brill, 1991, p. 125-134.

linguagem de 12,1-3 assemelha-se aos relatos daquele período, a apresentação de Jesus é moldada pelos propósitos particulares de Hebreus e não contém algumas características dos martírios dos macabeus. Jesus não é apresentado como um exemplo de desafio, oposição justa em face da opressão dos ímpios e nem auto-renúncia, mas como um campeão da fé perseverante<sup>55</sup>.

Jesus desprezou a vergonha da cruz, tornando-se um exemplo de fé para a comunidade. No contexto de Hebreus, a palavra “vergonha” é usada no sentido amplo da experiência de desonra<sup>56</sup>. Dessa forma, a afirmação “desprezou a vergonha”, indica que o sentido de vergonha, que deveria prevenir certos comportamentos devido ao medo da desgraça, foi, de alguma forma, neutralizado. É importante lembrar que o povo mediterrâneo não sentia vergonha em relação à opinião de outros povos, mas somente com respeito às pessoas que lhe eram significativas, como a família, as associações de negócios, amigos e autoridades, ou seja, o povo cujo respeito era importante para a honra de uma pessoa e a manutenção de uma posição de respeito dentro da sociedade. Havia pessoas cuja opinião simplesmente não se contava, diante de quem a pessoa não sentia vergonha<sup>57</sup>.

À luz desse pano de fundo conceitual, a expressão “desprezou a vergonha” ganha uma outra perspectiva. Nesse sentido, “desprezou a

---

<sup>55</sup> Sua perseverança, o fato de suportar a vergonha e a hostilidade, não tanto a agonia dos tormentos físicos e morte, é a preocupação maior de Hebreus. Não há nenhum dos detalhes físicos de tortura e desafio dramático da autoridade pagã que encontramos nos relatos de martírio. Hebreus quer inspirar a fé dos destinatários ao lembrá-los da grande assembléia de fiéis predecessores que confiaram que Deus lhes daria o galardão (11,6.26). A correlação com a vida dos destinatários é aparente e, além disso, eles seriam despertados para uma perseverança maior, particularmente porque alcançariam a realização completa da promessa de Deus (Hebreus 11,39-40). Cf. LANE, William. **Hebrews 9-13**, p. 408; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 355-358; CLOY, N. C. **Endurance in Suffering**, p. 167-169.

<sup>56</sup> KEE, Howard C. The Linguistic Background of “Shame” in the New Testament. **On Language, Culture, And Religion**. In Honor of Eugene A. Nida. BLACK, Matthew/SMALLEY, William A. (eds.). The Hague/Paris: United Bible Societies, 1974, p. 133-147.

<sup>57</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 168-169.

vergonha” indica que Jesus rejeitou a avaliação que a sociedade poderia fazer, incluindo uma contra-avaliação correspondente daqueles que procuraram julgar as suas ações como vergonhosas. Esta expressão indica, portanto, a consciência que Jesus tinha do que é considerado honroso e vergonhoso pela sociedade e como isso seria aplicado a ele. Assim, Hebreus descreve a fé de Cristo como um modelo explícito para os fiéis e ele, ao “desprezar a vergonha”, assume uma função paradigmática para a comunidade<sup>58</sup>.

O exemplo de Jesus, aquele em quem a fé tem a sua expressão mais completa, portanto, é estrategicamente apresentado aos destinatários de Hebreus. A perfeição da fé, virtude que conduz à aprovação de Deus (10,38-39), tem como componente a rejeição da opinião dos que não compartilham a esperança dos cristãos. Jesus considerou sem valor a avaliação que a sociedade poderia fazer dos atos exigidos pela obediência a Deus e a valoração que a sociedade imporia sobre ele. Os fiéis são exortados a fazer o mesmo, a fim de que possam alcançar o galardão prometido e continuar em seu compromisso um com o outro e com Deus, que os chamou em Cristo. Este modelo retórico reflete uma relação cultural entre a comunidade cristã e a sociedade vigente, acentuando a grandeza dos padrões da comunidade cristã<sup>59</sup>.

### **A alegria que estava proposta**

No desenvolvimento de Hebreus 12,1-3 Jesus é apresentado à luz de um outro aspecto da fé que é central para Hebreus, ou seja, a consideração do galardão que alguém receberá de Deus se perseverar na fé. Este aspecto realmente transforma a experiência de desonra nas mãos dos infiéis em nobre luta com um preço honroso. No uso da expressão “a alegria que lhe era proposta” (12,2), Hebreus claramente apresenta uma analogia entre a experiência dos leitores e a de Jesus: “corramos com persistência o certame que nos é proposto” (12,1c); “o qual, renun-

<sup>58</sup> ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 357-358.

<sup>59</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 173.

ciando à alegria que lhe era devida” (12,2b). Hebreus apresenta Jesus perseverando na luta da cruz com a perspectiva de obter a alegria que jaz adiante, assim como um atleta deseja o prêmio da vitória. Esta alegria foi realizada em sua ascensão celestial à direita de Deus (12,2c). Vimos que no capítulo 11 a fé sustenta as pessoas através das dificuldades. A fé olha o futuro e os que têm fé aproximam-se de Deus, “o galardoador dos que o buscam” (11,6.7.8.10.13.26). A experiência dos fiéis no capítulo 11 é adversidade e sofrimento, combinados com um desejo de vindicação, mas por meio da perseverança fiel eles obtêm uma possessão permanente no futuro (10,35-36). O paradoxo ver o que ainda não é visto está no coração da fé. Nesse sentido, o objetivo parênético, encorajar os destinatários a perseverar até eles obterem o galardão (10,35), a prevalência do promissório, a linguagem de espera e a relativa falta da linguagem martirológica em Hebreus mostram a alegria futura como algo que sustentou Jesus em sua luta<sup>60</sup>.

Embora os ímpios possam considerar Jesus um criminoso desgraçado, diante de Deus ele tem a mais alta honra, pois a honra que ele alcançou está acima da reprovação e ele agiu de acordo com o que é verdadeiramente honrado<sup>61</sup>. O sofrimento de Jesus não é só mencionado, mas descrito como uma fonte de benefícios. Hebreus já afirmara: “Mas uma coisa constatamos: aquele Jesus que se tornou um pouco inferior aos anjos acha-se, por causa da morte que padeceu, coroado de glória e honra. Assim sendo, foi em favor de todos os homens que, pela graça de Deus, provou a morte” (2,9). A morte de Jesus provê a liberdade da escravidão do medo da morte para os seus seguidores (2,14-15), pois ele destruiu o poder do diabo. Ora, se no mundo antigo a liberdade era considerada a maior bênção e a escravidão o mais vergonhoso e maldito dos estados, a libertação da escravidão significa um grande benefício. Através da consumação do seu sofrimento, ou seja, sua morte, Jesus “veio a se, para quantos lhe obedecem, causa de salvação eterna” (5,9b). Hebreus concede a Jesus a reivindicação à honra, ligando-a com

---

<sup>60</sup> CLOY, N. C. **Endurance in Suffering**, p. 178-180; William LANE. **Hebrews 9-13**, p. 413-414.

<sup>61</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 175.

o seu sofrimento e morte vergonhosa, os quais constituem parte do plano de Deus “conduzir à glória uma multidão de filhos” (2,10).

Dessa forma, Hebreus utiliza novamente a expressão “iniciador” e também “aperfeiçoador” para apresentar Jesus<sup>62</sup>. À luz da metáfora atlética de 12,1-3, é apropriado reconhecer em “iniciador” a nuance de campeão e líder demonstrada para este termo em sua primeira ocorrência em 2,10, onde ele está relacionado com o tema fundamental da teologia do Antigo Testamento de que o povo de Israel é um povo que foi conduzido unicamente por Deus<sup>63</sup>, e de onde Hebreus deriva a idéia de Cristo como seu novo líder. Em 2,10, Cristo é conduzido por Deus através do sofrimento à glória, tornando-se assim o líder do seu povo na jornada à salvação. Em 2,10-16 a solidariedade de Jesus com a família da fé foi apresentada sob o aspecto da luta cósmica com o diabo (2,14-15). Jesus, como “iniciador”, realizou uma libertação em favor de seus irmãos ou “muitos filhos”, pois eles não poderiam realizá-la por si mesmos. Ele não necessitou salvar a si mesmo da forma como seu povo necessitava. Ele os conduz à glória e pode salvá-los completamente, assegurando para eles uma “redenção eterna” por causa da sua morte (5,9; 9,11-12).

Nesse contexto, Hebreus relembra a batalha de Jesus em seu aspecto pessoal ao afirmar que ele suportou a hostilidade dos ímpios.

<sup>62</sup> A palavra *archegós* (“iniciador”) é utilizada no Novo Testamento em Atos 3,15; 5,31; Hebreus 2,10; 12,2 e tem sido traduzido de várias formas, incluindo “pioneiro”, “precursor”, “capitão”, “líder”, “originador”, “autor” e “príncipe”. Otto MICHEL. **Der Brief an die Hebräer**. 14 ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984, p. 144-146, traduz *archegós* a partir do seu uso na Septuaginta, onde ele traduz *nasi* (Números 13,3; 16,2), *sar* (Juízes 5,15; 1 Crônicas 26,26; Neemias 2,9; Isaías 30,4), *ro’s* (Êxodo 6,14; Números 13,4; 14,4; 25,4; Deuteronômio 33,21; 1 Crônicas 5,24; 8,28; 12,20; Neemias 7,70.71; Lamentações 2,10) e outras palavras hebraicas que denotam liderança. As palavras hebraicas indicadas são também traduzidas na LXX por “líder” em várias ocasiões. Segundo BRUCE, F.F. **The Epistle to the Hebrews**, p. 43, “He is the Savior who blazed the trail of salvation along which God’s “many sons” could be brought to glory... As his people’s representative and forerunner He has now entered into the presence of god to secure their entry there”.

<sup>63</sup> MÜLLER, P. G. **XPISTOS APXHGOS. Der religionsgeschichtliche und theologische Hintergrund einer neutestamentlichen Christusprädikation**. Frankfurt/Berna, Peter Lang, 1973, p. 141-148.

A comparação da experiência de Jesus com a dos destinatários em 12,1-4 indica também o motivo de liderança: a conduta de Cristo tem valor exemplar para seu povo em seu engajamento com as exigências de uma fé perseverante<sup>64</sup>. Neste ponto é necessário observar outra nuance no uso de iniciador. A formulação “autor e aperfeiçoador” relembra as instâncias anteriores onde as raízes das palavras “começo” e “fim” foram justapostas para efeito retórico: 3,14b: “começo/até o fim”; 7,3: “começo de dias/fim da vida”. Assim, a noção de origem e conclusão, começo e fim, os predicados “iniciador” e “aperfeiçoador” sugerem que Jesus é o iniciador e cabeça de um grupo na ordem da fé e alguém que trouxe a fé à sua expressão última. Ele foi o primeiro que expressou obediência total à vontade de Deus num mundo decaído e destinado à morte, manifestando o objetivo da fé e o seu poder primordial<sup>65</sup>. Isto ajuda a clarificar o significado de “iniciador”, que implica a prioridade ou preeminência no exercício da fé, precisamente por causa da supremacia de Jesus em trazer a fé à sua completa realização e dar a ela uma base perfeita através do seu sofrimento.

Nesse sentido, o predicado “aperfeiçoador” reforça as conseqüências da realização de Jesus como o campeão da salvação pelo exercício da fé e sua conseguinte exaltação<sup>66</sup>. Em 5,7-10, a perfeição de Cristo indica que as suas qualidades para o sumo sacerdócio foram aperfeiçoadas ou completadas, assim como o desenvolvimento pessoal dele em termos de sua habilidade em se identificar com a humanidade (4,15). Em 12,2, Hebreus conclui sua lista de heróis do Antigo Testamento e convoca os destinatários a olhar para o “iniciador” e “aperfeiçoador”, que lidera, conduz em fé e aperfeiçoa a fé<sup>67</sup>. Jesus é o exemplo de onde deriva o encorajamento (12,2-3). A fé o sustentou e sustenta os fiéis. Existe uma correspondência clara entre Jesus, o “aperfeiçoador”, e os fiéis no que se refere ao conceito de aperfeiçoamento. Da mesma forma que Jesus foi aperfeiçoado (2,10-11; 5,9; 7,28), os fiéis são aperfeiçoa-

<sup>64</sup> William LANE. **Hebrews 9-13**, p.411.

<sup>65</sup> MÜLLER, P. G. **XPISTOS APXHGOS**, p. 310.

<sup>66</sup> ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 395; William LANE. **Hebrews 9-13**, p. 412.

<sup>67</sup> MÜLLER, P. G. **XPISTOS APXHGOS**, p. 308-309.

dos pela obediência e sacrifício dele: “De fato, por uma única oblação levou para sempre à perfeição os que santificou” (10,14). Através de sua perfeição, Jesus torna-se “iniciador” e conduz muitos filhos à glória. A solidariedade de Jesus para com aqueles que ele veio salvar é notada uma vez mais: ele é o aperfeiçoador e eles são os aperfeiçoados e, como o “aperfeiçoador da nossa fé”, ou seja, o que à leva a realização, deve ser imitado pelos fiéis.

A honra futura dos filhos e filhas de Deus está ligada à aceitação da cruz por Jesus. Eles têm “a segurança de acesso ao trono de Deus” e a “purificação da consciência” (4,15-16; 9,14). Da mesma forma, a morte de Jesus trouxe benefícios para ele mesmo. Ela trouxe grande honra diante de Deus, maior que a desgraça que a cruz havia trazido a ele diante da sociedade. A cruz foi a consumação de seus sofrimentos, mas também a perfeição de sua fé e obediência, o exemplo de uma escolha que desconsidera a aprovação ou reprovação da sociedade no cumprimento da obediência a Deus<sup>68</sup>. Jesus fornece a prova que mesmo a maior desgraça que alguém poderia sofrer nas mãos da sociedade pode resultar em honra maior diante de Deus e da comunidade de fé. O caminho da fé, embora possa trazer desgraça aos olhos da sociedade, é o caminho da honra diante de Deus. Hebreus compartilha a expectativa de vindicação diante dos olhos do mundo incrédulo quando Deus “colocará todas as coisas sob seus pés” (2,8; 1,13; 10,13) e, finalmente, anulará todos os veredictos apresentados pela corte de opinião humana<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> A morte vergonhosa de Jesus na cruz foi o estágio final antes dele receber a completa aprovação de Deus, bem como a preparação e qualificação para o seu ministério como sumo sacerdote. Ela foi também um pré-requisito para a sua exaltação à mais alta honra (12,2). A cruz foi o evento central onde a humilhação terminou e a exaltação começou. Na confissão da vindicação de Deus da honra de Jesus está também a esperança de que Deus similarmente vindicará a honra de todos os que estão comprometidos em buscar a aprovação dele. Cf. deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 177-178; ATTRIDGE, Harold W. **The Epistle to the Hebrews**, p. 73.

<sup>69</sup> deSILVA, David A. **Despising Shame**, p. 178.

## A oposição dos pecadores

Hebreus 12,3 continua a apresentar Jesus como paradigma. A contemplação de Jesus está intimamente relacionada com a exortação (12,2a) e com o imperativo central de 3a: “sim, pensai naquele que sofreu da parte dos pecadores tal oposição”<sup>70</sup>. Em contraste com “corramos” (12,1), “pensai” (12,3) dirige-se diretamente à comunidade, mas a referência à oposição dos pecadores é uma lembrança de que a crucificação era uma punição na qual o capricho e sadismo dos executores encontrava total expressão. Devemos lembrar também que Hebreus 6,6 apresenta os que se afastam como quem “crucificam novamente o Filho de Deus e o expõem a injúrias”, onde “a si mesmos” é um dativo que indica algo contra si mesmos, para ferirem-se a si mesmos. A formulação de 6,6, portanto, apóia uma leitura plural de 12,3a: “contra eles mesmos”. Nesse sentido, “suportou tal oposição dos pecadores contra eles mesmos” é um pouco irônica, sugerindo que uma das feições da crucificação foi a auto-contradição, expressada no sadismo com que Jesus foi tratado. O conceito que uma pessoa que faz o mal injúria a si mesma era um lugar comum na antigüidade e a implicação clara disso é que se os destinatários abandonassem seu compromisso com Cristo sob a pressão de uma oposição persistente eles estariam expressando uma ativa oposição contra eles mesmos, assim como aconteceu com os atormentadores de Jesus<sup>71</sup>.

A escolha da palavra “oposição”, assim como de “perseverança” e “vergonha” facilita a analogia com a experiência dos destinatários (10,32-36). A conotação dos abusos é verbal e não física<sup>72</sup>. O apelo a não desanimar: “a fim de não vos deixardes desencorajar pelo desânimo” (12,3b) estabelece a ligação entre 12,1-3, onde o foco é sobre a perseverança de Jesus no sofrimento redentor, e 12,4-13, onde os cristãos são chamados a suportar sofrimentos disciplinares. A expressão

<sup>70</sup> LANE, William. **Hebrews 9-13**, p. 414-415.

<sup>71</sup> “Mas quem me ofende fere-se a si mesmo. Amam a morte todos os que me odeiam” (Provérbios 8,36). Cf. também LANE, William. **Hebrews 9-13**, p. 416-417.

<sup>72</sup> BRUCE, F.F. **The Epistle to the Hebrews**, p. 345-346; William LANE. **Hebrews 9-13**, p. 400, ELLINGWORTH, P. **The Epistle to the Hebrews**, p. 643.

“não desanimando” antecipa o mandato da Escritura (12,5), bem como o desafio expressado em 10,38-39, que afirma que Deus não se alegra com os que voltam atrás para a sua própria destruição. Assim, ao evocar novamente a perseverança de Jesus no sofrimento, Hebreus torna explícito o seu propósito parenético no v.3. Ao convidar a comunidade a comparar a sua experiência com a de Jesus, Hebreus acrescenta mais um elemento na perseverança de Jesus no sofrimento, ao afirmar que ele suportou a oposição hostil dos pecadores. Ao concentrar-se na perseverança de Jesus, Hebreus fundamenta a exortação “a fim de não vos deixardes desencorajar pelo desânimo” (12,3b), que corresponde ao apelo de 12,1c: “corramos com persistência o certame que nos é proposto”. Jesus suportou a hostilidade dos pecadores. Isso é relevante para os destinatários de Hebreus, pois no passado eles experimentaram oposição hostil e era razoável esperar que eles a encontrariam novamente.

Hebreus 12,1-3, portanto, apresenta o modelo supremo de perseverança, Jesus, que “sofreu a cruz, desprezando a vergonha”, tornando-se o paradigma para os que ainda estão engajados na corrida. Ele é um modelo de perseverança e a sua contemplação oferece encorajamento para a comunidade cristã em sua luta. A expressão “de olhos fitos naquele que é o iniciador da fé e a conduz à realização”, conclama a comunidade a prestar atenção, assim como Moisés, que foi aprovado, pois “olhou o galardão”<sup>73</sup>. Jesus é, portanto, um paradigma de perseverança fiel que completou o curso primeiro que todos os outros. Ao criar esta imagem, Hebreus emprega uma antiga tradição da luta atlética para sublinhar a perseverança no sofrimento como uma qualidade que os destinatários necessitavam. Ao apresentar Jesus como um modelo a ser imitado,

---

<sup>73</sup> A relevância da perseverança torna-se clara (12,1.2.3.7). “Perseverar” unifica o pensamento ao ligar a perseverança da comunidade cristã com a perseverança exemplificada por Jesus. A “vergonha” é mencionada, mas ela foi desprezada por Jesus (12,2; 10,33; 11,26; 13,13). Jesus suportou grande hostilidade. Os destinatários experimentaram e poderiam experimentar tratamento hostil de várias formas (10,32-34), mas eles precisam perseverar a fim de “receber a promessa” (10,36; 11,39-40; 3,6.14; 10,35; 11,6). Cf. MÜLLER, P. G. **XPISTOS APXHGOS**, p. 302-303; LANE, William L. **Hebrews 9-13**, p. 410-411.

fez algo incomum e, ao retratá-lo como tendo alcançado o ideal de fé, trouxe algo incomum para o seu milieu filosófico. Dessa forma, Hebreus apresenta o paradigma de um lutador que fielmente suportou uma “batalha” similar àquela dos destinatários, o qual, tendo completado a corrida, “assentou-se à direita do trono de Deus”.

Em síntese, a forma como Hebreus apresenta a história passada da comunidade, dos heróis da fé e de Jesus é significativa. A imagem dos peregrinos, sustentados por suas esperanças no caminho para a pátria celestial, são imagens apropriadas para descrever uma comunidade que tem sofrido ostracismo e desgraça social. Hebreus procura também, através dos exemplos passados de compromisso e fé, estimular o zelo da comunidade pela honra diante de Deus e reforçar a idéia de que os seus destinatários deveriam continuar afastados dos valores de honra da sociedade vigente. Desta apresentação podemos inferir:

A confissão cristã provocou a degradação e trouxe privação aos destinatários de Hebreus. Como a sociedade usava a vergonha e desgraça como meio de trazer o que se desviava a um modo aceitável de vida de acordo com as suas normas e valores, alguma ameaça pairava sobre eles. O perigo real, portanto, seria colocar em perigo a sua honra diante de Deus ao voltar atrás diante da pressão da sociedade. Por isso, Hebreus 10,32-39, ao apresentar a instância corajosa de compromisso sob circunstâncias adversas no passado, exorta a comunidade a ser perseverante no presente. Partindo de uma tradição cristã primitiva que procurava fortalecer os cristãos na crise de perseguição, procura encorajar os destinatários a imitar o próprio exemplo deles no passado, quando uma parte da comunidade foi exposta ao ridículo, presa e ficou indefesa diante do confisco da sua propriedade, mas a outra parte foi solidária com o grupo que sofreu aquelas atrocidades.

O povo de Deus apresentado em Hebreus 11 olha para a chamada de Deus como o caminho de honra e o meio de alcançar as suas promessas como honroso, a despeito das opiniões contrárias dos infiéis. Abraão desprezou a vergonha ao permitir a ordem de Deus definir o que constitui comportamento honroso e desonroso. A obediência a Deus conduz à honra, nunca à desgraça. Ao deixar sua terra nativa em obediência à vontade de Deus, Abraão aceitou o status inferior de estrangeiro e peregrino, sendo exposto à reprovação e desonra que acompanhavam

aquela mudança de status. Ele confessou este status, perseverou nele e, embora pudesse voltar à situação que tinha anteriormente, não foi afetado por qualquer tipo de vergonha diante da opinião da sociedade e não se sentiu motivado a deixar aquela relação marginal em troca de um lugar de honra aos olhos daquela sociedade.

A função exemplar de Moisés, por sua vez, está conformada com situação dos destinatários e, em particular, à escolha que é colocada diante deles. Ela está também conformada com o exemplo de Jesus. Moisés compartilhou o mau tratamento do povo de Deus da mesma forma que Cristo suportou “a vergonha da cruz” (12,2). A razão da escolha de Moisés é percebida quando examinamos sua relação com a exortação como um todo e, em particular, com a introdução e a conclusão da lista, pois a apresentação dele está conformada com a situação dos destinatários e, em particular, à escolha que é colocada diante deles. A apresentação de Moisés está também conformada com o exemplo de Jesus, pois da mesma forma que Moisés compartilhou o mau tratamento do povo de Deus, Cristo suportou “a vergonha da cruz” (12,2). Confrontados com o exemplo de Moisés, os destinatários podem mais uma vez afirmar a sua renúncia ao seu próprio status e aceitar a perda de honra e lugar na sociedade com alegria, escolhendo continuar em sua solidariedade com o povo de Deus (10,25) e com os seus irmãos e irmãs marginalizados (13,3).

Os mártires e os marginalizados desprezaram a vergonha ao renunciar a honra, status e a aprovação oferecida pela sociedade incrédula, preferindo a reprovação, ultraje e desgraça impostos por ela a fim de manter a sua integridade diante de Deus e alcançar o que ele prometeu. Eles rejeitam os padrões pelos quais a sociedade avalia o que vem a ser honra ou desonra, pois consideram estes padrões mal fundamentados, sendo, portanto, guias inseguros para uma atitude honrada. Por isso, eles se afastam da aprovação e opróbrio do mundo, mantendo o que consideram ser as normas e opinião de Deus.

Jesus é o exemplo maior. Hebreus destaca o abuso verbal que ele sofreu dos pecadores, mas também que ele “desprezou a vergonha” e está “assentado à direita, nas alturas”. Jesus é o atleta modelo da fé que deve ser observado e imitado por aqueles que correm em seus passos. A sua morte envolveu vergonha, ele “sofreu fora da porta” (13,12), mas

considerou sem valor a avaliação que a sociedade poderia fazer dos atos exigidos pela obediência a Deus e o que poderiam impor sobre ele. A apresentação de Jesus, portanto, assume uma função paradigmática para a comunidade. O alcançar a honra e o “sentar-se à direita” por Jesus nasceram da sua perseverança na cruz, desprezando a vergonha. Isso destaca a linguagem de honra e vergonha, levando os destinatários a considerar novamente a natureza da própria fé. A comunidade suportou a perda de status e honra ao procurar manter o compromisso com Deus. Ela deveria perceber a perda de status e honra que Jesus suportou em seu favor para lhe possibilitar os benefícios prometidos. Isso indica que ele rejeitou a avaliação que a sociedade poderia fazer, incluindo uma contra-avaliação correspondente daqueles que procuraram julgar as suas ações como vergonhosas.

Jesus é o modelo supremo de fé e exaltação dele é concebida principalmente como um galardão. Os destinatários de Hebreus devem seguir em sua peregrinação considerando a carreira terrena de Jesus e a sua glória celestial, para poderem compartilhar da glória dele. Isso é indicado pela correspondência entre o descanso de Deus (4,4) e o descanso que os fiéis devem entrar (4,11). Em 10,12-13 e 12,2, a exaltação de Jesus é interpretada como um descanso, depois que ele completou a tarefa terrena. Assim, a afirmação para seguir a Jesus e identificar-se com o seu sofrimento e vergonha: “Saíamos, pois, ao seu encontro, fora do acampamento, carregando a sua humilhação. Pois não temos aqui embaixo cidade permanente, mas estamos em busca da cidade que há de vir” (13,13-14), é similar a Hebreus 12,1-3. “Saíamos, pois, ao seu encontro, fora do acampamento” envolve “suportar a vergonha de Cristo”, assim como ocorreu com o povo peregrino do passado. Hebreus procura romper com uma adaptação que esconde a profissão de fé, que promete segurança e “prazeres transitórios”, mas que recusa solidariedade aos irmãos e irmãs atribulados. Hebreus chama para dentro da esfera profana com o seu perigo e ameaça, para aceitar injúria e perseguição. Isto é fundamentado com a afirmação de que para os cristãos não há cidade permanente na terra. Eles pertencem à cidade que há de vir, estando agora cheios de expectativa a caminho dela no espaço desprotegido.